

**TCHAU,
SÃO PAULO**
- VOU PRA JOÃO PESSOA -

CRÔNICAS DE UMA CIDADE
- 1999 -

REGISTRO NO EDA 353410, EM 16/09/2005
BIBLIOTECA NACIONAL

Prefácio

Com o avolumar dos problemas da megalópole paulista, o escritor Octávio Caúmo Serrano procede o movimento inverso de tantos nordestinos que, nas décadas de 40 e 50, tomaram, no pau de arara, o rumo sul em busca de um lugar ao sol. O autor, na fase da sua maturidade, vem-se abrigar no “lugar do sol mais bonito e onde amanhece primeiro”, segundo seu bonito poema sobre a cidade de João Pessoa, na última página deste livro. Nesta altura da vida, a busca da placidez, do sossego e da melhor qualidade de vida são preponderantes para a criatura.

Ex-industrial, poeta, escritor e espiritualista, Octávio possui uma visão humana muito ampla, com múltiplos pendores e missões. As duras lições e traumas que a cidade grande ensinou-lhe, com capacidade crítica, controle e serenidade, soube superar.

Em suas crônicas criativas, estabelece diálogo duro com sua cidade, sem perder a fina sensibilidade; como válvula de escape, canta suas alegrias e se refaz das dores.

Estilo original, observa as idiosincrasias da vida urbana, recriando-a sob prisma humano e dando possíveis soluções para os tão agudos problemas sociais da grande cidade.

O livro é uma despedida da grande selva de concreto que é São Paulo, terceira no Brasil em arrecadação, depois do seu próprio estado e do Rio de Janeiro, mas com tantas carências, onde as pessoas vivem trancafiadas nos apartamentos e enclausuradas entre muros de pedra, assustadas com a violência urbana, numa solidão coletiva.

O autor, em suas crônicas, denota ser profundo conhecedor das mazelas de sua cidade: a violência urbana, as drogas, homicídios, assaltos, poluição, tráfego, distribuição da população, o abandono da criança, desrespeito ao patrimônio

alheio, pichações, as matemáticas dos impostos, os contos do vigário, e muitos outros transtornos, verdadeiras máquinas de fazer doidos.

Sente quão aguda é a problemática social, tanto quanto a incompetência, desonestidade, impotência e desmandos dos governantes, que, por via de regra, só oferecem soluções paliativas em ações incipientes.

Com senso crítico e aguda percepção social e espiritual, capta todos os meandros e ironias da vida urbana, como ressalta em seu livro: "... quando não é a ganância é o desequilíbrio e a maldade que estão na pele e nas almas das criaturas..." "... que está transformando os habitantes da minha cidade em criaturas tresloucadas, incapazes de controlar-se a ponto de serem mais violentas que os animais selvagens. Seriam elas as bestas do apocalipse? "

Não obstante o autor, em sua experiência, observar as durezas que impedem até a solidariedade em São Paulo, acredita ser possível minimizar os conflitos existentes: "o favelado precisa de comida e o abastado, de atenção. Não é difícil a fusão dos dois interesses. A vida é troca e amor é isso."

O autor encaixa campo semântico com abundantes substantivos abstratos para realidades tão concretas. Encerra, com originalidade, cada crônica de seu livro: traumas, ironias, seqüelas, provações, tiranias, contrastes, ignorâncias e por aí afora. Ante tantos males e sofreguidões, Octávio Caúmo disse: ARRIVEDÉRCI SÃO PAULO!

A cidade de João Pessoa ganhou com o deslocamento do escritor espírita Octávio Caúmo Serrano. Acolheu-o de braços abertos poeticamente na Academia Paraibana de Poesia, na qual é atuante sócio e colaborador. Só que, com a globalização, o que acontece em São Paulo acontece aqui também, embora em menor escala. Apenas a comemorar, que em João Pessoa desfruta-se um ambiente ecológico mais puro, com intensa ar-

TCHAU, SÃO PAULO

borização. Tem-se, inegavelmente, melhor qualidade de vida! Termino minhas considerações sobre o interessante livro e crônicas do escritor Octávio Caúmo Serrano, "TCHAU SÃO PAULO", com uma passagem-mensagem-socialista-espiritualista muito bonita, do livro em apreço:

"Há um novo mundo se formando e já se pode sentir no ar um cheiro de esperança. É hora de dividir para somar, operação matemática que desagrade à ganância, mas cria espaço para um fraterno abraço coletivo."

Maria do Socorro Xavier
Escritora, poeta e professora aposentada

Apresentação

Nasci na cidade de São Paulo, bem no seu coração. Entrei no mundo pela rua Itapeva, 81, no bairro da Bela Vista, o velho Bexiga do orgulhoso imigrante italiano. O berço era simples e tive de conviver com a dificuldade. Mas isso nunca me assustou.

Casei-me com uma também paulistana criada no Sul de Minas, Maria, e tivemos um filho, Octávio. Estamos dividindo o espaço há quarenta anos (*neste 2010 já são cinqüenta e dois*). Em novembro passado, completei sessenta e dois. (*Em 2010 já estou perto dos setenta e seis*).

Trabalhei em grandes empresas nacionais e estrangeiras até chegar a ser industrial na área da química e da metalurgia. Furneci a importantes empresas e exportei para países da América, Europa e Ásia, para finalmente vender a companhia a um grupo inglês.

Agora estou deixando a minha cidade. Não a esquecerei porque embora malvada me fez homem. Nela ajudei, fui ajudado, ensinei e aprendi. Penso que a retribuí, porque fiz pelos outros o melhor que pude. Fui solidário, tive centenas de empregados e a todos tratei como seres humanos. Testemunhei a possibilidade da coexistência pacífica entre patrão e empregado. Deles recebi a mais agradável das compensações: Fizemo-nos amigos!

Vou-me embora, mas não me sinto um covarde. As pesquisas revelam que setenta por cento dos que moram na minha cidade gostariam de sair. Deixo mais ar para quem fica e desaponto bandidos e políticos aproveitadores, que terão algumas oportunidades a menos para ganhar dinheiro desonestamente. No ritmo que vai, a minha cidade um dia ficará apenas para eles, porque os homens de bem estão fugindo dessa guerra desigual. Não sei se volto. Espero que não, mas não me cabe garantir porque

TCHAU, SÃO PAULO

sou marionete nas mãos do Criador.

Despeço-me de vocês que permanecem nela por mais um pouco. Sou um retirante bóia quente escrevendo o reverso da história. Muitos seguiram para o sul em busca de comida; eu sigo para o norte à procura de vida!

Falo-lhes dos problemas da minha querida cidade porque certamente são os problemas de muitas cidades. A que for menor, e por enquanto não tem tantas dificuldades sociais, aproveite os erros alheios para salvar o seu querido berço. Não deixe que se desumane e perca a simplicidade.

Tchau, São Paulo. Obrigado. Que Deus a proteja e abençoe todos os seus diletos filhos; legítimos ou adotados!

O autor

Amarga experiência

Quinta-feira de uma semana santa. Preparava-me para sair. Quase sete da manhã e eu me levantara atrasado para ir à nataçãõ.

Como estivesse em cima da hora titubeei: -Vou, não vou? Mas eu mesmo respondi: - Claro que vai. Você não é de desistir por pouca coisa. Pode ir levantando. Rendi-me à coerência e saí.

Abro as portas do nosso chalé na Av. Ceci, bairro do Planalto Paulista, na capital de São Paulo. Primeiro a de madeira e depois a pantográfica. Deixei a sacola sobre a mesinha da sacada e fechei tudo, novamente. A passarada cantava nas acérolas e na romãzeira, enquanto os últimos filhotes estavam nascendo.

Quando me aproximo do carro, saem de trás dele quatro mascarados com revólveres apontados para mim.

- Abre a porta, tio.

A cabeça foi a mil. Que susto! Parecia que não era de verdade e dali a pouco tudo desapareceria. Infelizmente não era sonho. Sem saber se reagia, se corria, se rezava ou implorava para que fossem embora, tratei de acalmar-me e obedecer. Chegou a minha vez, foi só o que pude pensar. Entrei para as estatísticas.

Dois me seguraram, tão assustados quanto eu, e me conduziram à porta que eu não conseguia abrir, de tanto que eu tremia.

- Anda tio, abre logo.

- Calma, eu estou nervoso. E lá dentro está a minha mulher. Se vocês tentarem algo...

- Nós não vamos fazer nada com as pessoas; nós só queremos as coisas.

Abri e fui ao quarto acordar a esposa.

TCHAU, SÃO PAULO

- Olha, temos visitas. Estão aqui algumas pessoas... você desculpe... Sabe... Não foi possível evitar que elas entrassem. Eu...

- Tudo bem, disse ela, aparentando calma.

- É um assalto, tia, apressou-se um deles a informá-lhe.

- Eu já sei, e continuou se levantando.

- Quer vestir alguma coisa, tia? Ela estava de pijama.

- Quero sim, obrigada. E pôs o penhoar.

Levaram-nos para o living e o que era menor de idade ficou nos vigiando.

Começaram a carregar o que encontravam. Queriam dólares, mas não tínhamos dólares; ouro, mas também não tínhamos ouro; vídeo, não tínhamos; whisky, também não. Isso nos preocupava porque eles iriam levar apenas uma TV, um conjunto de som com defeito, tênis, canetas e algumas roupas. Era pouco diante do risco a que se expunham. Poderiam irritar-se.

Ainda bem que, por ser feriado, tínhamos algum dinheiro. Algo como trezentos reais retirados do banco no dia anterior. Guardaram. Depois, no porta-malas do Monza, puseram o pouco que o assalto lhes rendeu.

Antes de sair, o que nos vigiava e com quem ficamos conversando nos consolou:

- Tio, não se preocupe com o carro que nós não queremos. Logo você vai encontrar por aí.

- Poderia dizer onde vão deixar?

- Não, isso nós não podemos falar.

Minha mulher rezava e parecia que estávamos anestesiados. Diante da nossa calma ele perguntou:

- Você já foi assaltado, tio?

- Não, nunca.

- É, nós fazemos isso porque a vida está difícil e o em

prego paga pouco. Quando tem, né...

- Eu sei, menino, meus pais eram pobres. Eu já morei em casa bem pequena. Num barracão. Mesmo esta casa, veja. Seu eu fosse rico não viveria nesta simplicidade.

- É, mas a casa em que eu moro é do tamanho do seu banheiro.

Fazíamos o inverso do que recomendam as autoridades. Orientam que não se converse, nem os encare, mas as circunstâncias nos levavam a uma conduta diferente.

Examinou minha capanga de documentos onde havia cartão de aposentado, bilhete de metrô e neste instante penso que ele se convenceu de que entraram em lugar errado.

Exceto o procedimento de um dos elementos, que reclamava da pouca vantagem que o assalto lhes renderia, tudo o mais transcorreu em clima de tranqüilidade. Minha esposa logo que se levantou teve sede e eles permitiram que ela tomasse água. Apenas aquele elemento neurótico nos preocupava.

Resmungava o tempo todo e dizia:

- Não sei o que estamos fazendo aqui. Eu falei que não valia a pena entrar. Aqui não tem nada. O João Carlos que insistiu. Vamos embora. Vamos...

Enquanto aguardava, destaquei do molho a chave do portão e a do automóvel, que logo depois me foram solicitadas.

Passaram-se quarenta e cinco minutos. Trancaram-nos na cozinha porque o nosso banheiro não fecha por fora.

- Dá quinze minutos pra gente e não tenta nada, tio. O senhor sabe, eu sou de menor e pra mim não tem problema. Menor na idade, porque fisicamente era bem grandinho e muito bem nutrido. Mas as leis insistem que eles devem ter tratamento especial e por isso se aproveitam.

Antes de fechar a porta, olhou para a geladeira:

- Tem um danoninho aí, tio?

- Não, meu filho, não tem. Tem queijo, leite, você quer?

- Não, não; deixa quieto.

Pedi que deixassem a porta aberta, mas eles disseram que logo que saíssem poderíamos gritar e os vizinhos viriam nos socorrer.

Foram-se, quando faltavam exatamente quinze para as oito. Passaram-se exatos quarenta e cinco minutos. Pude ler as horas porque o meu relógio, um Technos, é barato e eles não quiseram. Com um martelo de bife e uma colher tiramos os pinos das dobradiças e em dois minutos estávamos fora da cozinha. Chamamos a polícia e em menos de três minutos chegaram duas viaturas da Polícia Militar. Fizemos algumas perguntas e pelas características já sabiam qual era o bando.

Fomos à delegacia registrar a ocorrência e ali disseram que tivemos sorte de não haver drogados entre eles. O comportamento fora de profissionais, mas quando entra a droga, a lógica desaparece. Devíamos dar graças a Deus porque nada aconteceu.

No dia seguinte, sábado, às oito da manhã, recebo telefonema de um senhor para informar que meu carro estava ao lado de sua casa, sem nenhum arranhão, embora faltasse o toca-fitas. Pelo cartão de controle do estacionamento do prédio da praia, ele encontrou meu nome no catálogo telefônico.

Chegamos ao local e tomamos as providências de praxe. Às doze horas conseguimos liberar o veículo, porque foi preciso esperar a perícia e depois levá-la para o delegado conferir.

Ao dar baixa na ocorrência, o mesmo policial que havia comentado sobre a nossa sorte pareceu satisfeito com o desfecho. Não é normal, disse ele, resolver um caso assim tão rapidamente. Agradecemos e saímos.

Nunca tivemos notícias das coisas que nos tiraram e nem estamos interessados nelas. O seguro nos reembolsou. Também não sabemos, se os ladrões estão vivos ou mortos. Os

dados comprovam que eles vivem pouco porque quando não morrem no confronto com a polícia se desentendem com gangues concorrentes.

De nossa parte, temos de agradecer por ter engrossado apenas a lista dos lesados e não a dos defuntos.

Apesar do desfecho relativamente feliz, durante meses víamos os vultos de lá pra cá e de cá pra lá dentro da casa, levando o que nos pertencia e que conquistamos com muito trabalho. Ninguém espere que se tenha serenidade diante de tais acontecimentos. Controlar-se para não morrer é o máximo que se consegue.

Qual a lição do episódio? Difícil responder.

Sabemos que não basta apenas pôr mais policiais nas ruas, embora ajude, nem devemos atribuir somente à miséria o mau procedimento das pessoas. É mais complexo do que parece. É um processo de evolução e de saneamento espiritual dos homens. As armas são meros instrumentos e só ganham vida quando acionadas pelos gatilhos da miséria, da ganância, do desequilíbrio, do despreparo e da ignorância.

O mundo não precisaria ser assim. Há recursos para todos, desde que sejam devidamente divididos e o jovem melhor formado. Gostaríamos de estar vivos para comemorar a chegada desse dia. É preciso aprender que quem cuida dos outros, na verdade está cuidando de si mesmo.

Nesse episódio pudemos sentir a fragilidade da vida material. A nossa poderia ter terminado ali. Por isso, é preciso aprender a viver e plantar enquanto é tempo.

“Traumas da minha cidade!”

A lata de lixo

Trafegava eu por movimentada avenida, em direção a São Bernardo do Campo, desenvolvido município industrial da Grande São Paulo, quando voaram à minha frente dois pedaços de casca de melancia. Bateram no pára-brisa e no capô.

Inicialmente, não percebi de onde vieram até que ultrapassei um caminhão e vi que motorista e acompanhante riam e se deliciavam com a fruta. E de cada pedaço degustado nascia um novo torpedo que voava janela afora, sem que os mesmos se preocupassem em verificar onde caíam.

As ruas das cidades, caminhos que traçam os mapas das civilizações, ao invés de ter o respeito do povo são grandes e coletivas latas de lixo. Cada um deposita nelas o seu detrito e à medida que a sujeira aumenta, a parcela de cada um fica menor, diante do grande volume. Vai sendo menos grave e os culpados já não são identificados.

Temos o hábito de culpar terceiros por todas as dificuldades. Primeiramente o governo, depois o vizinho ou qualquer outro que estiver disponível. Menos nós...

Reclamamos da violência que invadiu os grandes centros e exigimos providências das autoridades. Mas não colaboramos. Somos contra a violência e construtores dessa violência que criticamos. Somos nós, individualmente, que lançamos sujeira na via pública, que cuspiamos nela, que jogamos nela o que varremos da nossa casa. Nós que atiramos papéis, embalagem de cigarro e outros detritos, pela janela do automóvel. Somos incivilizados e despreparados para viver em conjunto.

Reclamamos da falta de escolas, de serviços médicos e de todos os recursos que competiriam ao Estado, mas deixamos de educar e educar-nos. No modismo da terceirização, transferimos para os professores as tarefas que nos competem e esquecemos que as pessoas devem ir para a escola instruir-se,

não educar-se. Polidez, respeito e bons modos aprendemos em casa. O mesmo se dá com a saúde. Se ajudássemos na limpeza haveria menos doenças. O lixo não é da rua; é nosso e é a nós que ele prejudica, mesmo quando está do lado de fora da nossa casa ou no baldio espaço da esquina.

O episódio da melancia aconteceu já há algum tempo. Mas quando fecho os olhos vejo voando dois foguetes na minha direção que poderiam ter feito com que eu perdesse o controle do veículo e provocasse um acidente. Felizmente, nem deu tempo de tão rápido como os restos da fruta foram ejetados daquele veículo. Penso que aqueles senhores nem têm idéia de que um dia isto aconteceu e que eles foram os tristes protagonistas. O mau hábito incorporou-se de tal forma que passou a ser um procedimento natural.

Incivilizáveis da minha cidade... !

Temos, mas não é nosso

Estávamos no inverno, quando iluminado homem público decidiu, sozinho, salvar o planeta. Inventou um sistema para purificar o ar da minha cidade. Mágica parecida com a do outro que um dia tirou três zeros da moeda para tomá-la forte e acabou com a inflação por decreto. Coisas de gênio sem lâmpada.

Na época do plano econômico daquele presidente que caiu no Planalto de pára-quedas, percebemos, apenas por bom senso, que se fosse possível acabar com a miséria de forma tão simplista estaria descoberta a fórmula da fartura e da felicidade. Qualquer país de quinto mundo seria rico. Decretar inflação zero e decidir que todos têm dinheiro suficiente, é ato praticável por qualquer inteligência medíocre. Por isso, deixamos nossa pequena reserva onde estava, mesmo rendendo menos.

O que aconteceu, todos sabem. Não se passaram, seis meses e a economia deu um nó que até hoje não foi desatado. Aumentou a desigualdade. Pobres ficaram miseráveis, remediados empobreceram e abastados, a minoria privilegiada, enriquecem cada vez mais. Ainda hoje, o aluguel que o inquilino não consegue pagar está longe de remunerar satisfatoriamente o proprietário do patrimônio. Os salários, as mensalidades escolares e os convênios médicos seguem no mesmo diapasão. Irrita quem paga e aborrece a quem recebe. O salário mínimo que foi criado para o homem comer, morar, estudar e ter saúde, já não atende à quinta parte das suas necessidades.

No que se refere ao ar da minha cidade, agiu igualmente o tal senhor que estava politicamente em baixa e tentava uma fórmula para ver-se em evidência. Na falta de melhor idéia, criou uma novidade e chamou para si a atenção popular.

É assim que os homens públicos cuidam da população. Os tecnocratas, em gabinetes com cadeiras estofadas e ar con-

dicionado, cafezinho quente e chá gelado, secretárias, às vezes burrinhas, mas com silhueta de garota do Tchan, conjeturam sobre os acontecimentos, sem vivê-los na prática. No que se refere ao tráfego, traçam mãos e contra-mãos, infestam ruas de sinais que atravancam mais do que organizam, impedem o estacionamento, interrompem trechos, tudo como donos da cidade. Jamais vão a campo verificar o que é ou não viável. Compromissados com os fabricantes de placas, semáforos, "tartarugas" e tais, têm de instalar um certo número por ano. Não importa se ajudam ou atrapalham. São fortes monopólios que mandam nos governos. Como o reconhecimento de firma, para dar apenas um exemplo, dispensado por lei, mas exigido na prática porque é mina de ouro para os cartórios.

A idéia do referido secretário estadual, embora o problema fosse municipal, foi um rodízio de veículos. No dicionário do Sr. Aurélio há várias definições para rodízio. Todavia, os únicos rodízios que ainda fazem algum sucesso são os de pizzas, de massas, de sopas e de carnes.

Terminado o mês, o autor da mágica estava disposto a exorbitar e prorrogar o atentado. Mas, num ato de extrema generosidade, decidiu encerrá-lo com a promessa de voltar no ano seguinte, em dose quadruplicada. Não mais um mês, mas quatro, durante todo o inverno. Cada proprietário é um contribuinte que paga tributos para usar o automóvel. E o faz de várias formas. Além do IPVA, paga pedágio e taxas de conservação e limpeza das vias públicas.

Na minha cidade o veículo é indispensável ferramenta de trabalho do cidadão e ele foi impedido de exercer atividades. Esta lei fere vários princípios porque agride de fato e de direito, além de ter havido discriminação. Ficaram de fora os médicos, os professores, os jornalistas, entre outros. A lei diz que discriminar é crime, mas como eles são a lei ...

Igualmente contraditória foi a circulação dos veículos

mais poluentes. Ônibus e caminhões, normalmente movidos a óleo diesel, são os que mais contaminam o ar com gases e materiais particulados, pela química do combustível, motores mal regulados e falta de filtros.

A frota de veículos da minha cidade é moderna e tem muitos carros, importados e nacionais, equipados com catalisadores. Um filtro que custa quase mil reais. Não poluem e podem trafegar em qualquer cidade do mundo que tenha normas rígidas de controle ambiental. Esses foram prejudicados, pois com a medida eles só queriam retirar veículos das ruas.

Apurados os resultados, constatou-se que o ar continuava irrespiravelmente o mesmo e que o trânsito tivera ligeiro descongestionamento. Deu-se o óbvio, porque saíram de circulação quase vinte por cento dos veículos. Se o rodízio fosse de dois dias por semana, o trânsito melhoraria mais e se fosse na semana inteira, ficaria ideal. Voltaríamos aos tranqüilos dias do bonde a burro quando eram raros os infartados, os hipertensos e os acidentados. Ninguém teria pressa e as pessoas passeariam pelas ruas da cidade. Voltaria o romantismo, com namorados de mãos dadas circulando pelas ruas Direita e Barão de Itapeteninga ou pela bonita praça da República. Bons tempos da minha velha e garbosa Paulicéia !

O problema não é tão simples que possa ser resolvido por um enviado que põe um bonezinho e sai de bicicleta, filosofando e divertindo-se, enquanto as pessoas são impedidas de trabalhar. Para salvar o verde, não precisam acabar com o homem.

Já falamos do desrespeito contra a casa de todos: a Terra. Nós a destruímos e ela cobra pela agressão. Mas há momentos em que o homem também é vítima. Infelizmente, não da natureza, que é racional e reclama com justiça e equilíbrio, mas dos outros homens que se iludem com o poder que temporariamente representam e não sabem usar porque lhes falta equilíbrio.

Essas autoridades que deveriam cuidar do nosso bem estar são precipitadas, incoerentes e volúveis. Fazem tudo na base do "tive uma idéia" e não se dão conta que produzem mais mal do que bem.

A cidade está saturada. A despeito de bons administradores que vem tendo há mais de trinta anos, - pena que com lamentáveis exceções - ela tem problemas difíceis de ser equacionados. Ninguém reclame que obras não são feitas e que estradas não são abertas. Todavia, por mais que se alarguem as ruas, nelas não caberão os carros e por mais que se verticalize a cidade, nela não caberão as pessoas. A solução é redistribuir.

Anos passados, combatido político defendeu a conveniência de mudar-se a capital para o centro geográfico do Estado, próximo à cidade de Brotas, a fim de diluir a multidão que corre atrás das oportunidades. Na ânsia de ganhar dinheiro, as pessoas não percebem que perdem a vida. Estão doentes, entristecidas, são agredidas e tornam-se agressoras, pessimistas e revoltadas. De que valem os bens em tais condições.

Um estado rico como São Paulo, e se momentaneamente não o é devido às recentes administrações desonestas e incompetentes, mais desonestas do que incompetentes, garante a mídia, deveria olhar para este problema com alguma seriedade. Com a descentralização, pelo menos os funcionários públicos sairiam da capital, todos ganhariam e os que trabalham na máquina estatal teriam vida melhor, para si e seus familiares. A cidade ficaria administrável e com um sistema eficiente de transporte coletivo o deslocamento seria simplificado e a poluição diminuiria. Com taxi barato o motorista lucraria pela maior produção e economia de gastos devido à maior agilidade na movimentação. E quem tivesse de permanecer na capital, respiraria e teria livre trânsito.

Com alternativas para locomoção, ciclovias por exemplo, seriam mais usadas as bicicletas, patinetes, patins, skates,

etc., saudáveis, não poluentes e tão a gosto dos jovens. Bons recursos para ir à escola ou à academia. E contribuiria para que os menores de idade, filhos de papai, deixassem de usar ilegalmente os carros para se exhibir em contravenções que custam a vida deles e de pessoas inocentes.

O rodízio é um sonho para o ego de alguém do tipo “você sabe com quem está falando?” e serve para abastecer os cofres públicos de algum dinheiro ganho arbitrariamente e desonestamente, com multas indevidas e injustas. É uma agressão ao povo. E para onde vai o produto da malvada arrecadação jamais saberemos. Nós sempre pagamos sem reclamar. E eles abusam.

Como todo modismo, o rodízio será mais um finado sepultado na história, no capítulo onde repousam os mercadores de ilusão. E os inventores serão enterrados com ele. Paliativo não é solução.

O grande problema da minha cidade é físico. Dois corpos não cabem no mesmo espaço ao mesmo tempo. Busquem soluções racionais não ilusórias, folclóricas ou emocionais. E além disso, desonestas.

Novidades da minha cidade... !

Ensinamos, mas não aprendemos

Assisti, dia destes, a um acidente na frente de uma escola.

Havia carros estacionados nos dois lados em rua estreita onde as mães que vão buscar suas crianças param em fila dupla. Nesses locais nunca se vê policiamento. Especialmente se for colégio de rico.

Irritado, um homem que não conseguia passar buzina-va. Os motoristas, com seus veículos parados irregularmente, se limitavam a ligar as luzes de advertência. O conhecido “pisca-alerta”. Ele foi criado para sinalizar situações de perigo, mas se transformou em luz de estacionamento irregular. Aliás, as únicas usadas, porque quando fazem conversões no trânsito eles não acendem luz nenhuma.

O cidadão, à medida que buzina-va, irritava-se. Descontada a impaciência, ele estava coberto de razões porque era impedido de trafegar numa via pública, obstruída pela desobediência de pessoas que não sabem viver coletivamente.

Lá pelas tantas, parece que dá, parece que não dá, acho que vai dar, e o homem arriscou. Calculou, mas não deu. Acabou raspando no carro de uma senhora que esperava por alguém, de rádio ligado, ar condicionado e cigarro na mão, como se estivesse no sofá da sala de visitas, O que acontecia à volta, não lhe dizia respeito.

Com o barulho, porém, desceu do carro, furiosa, para defender seu patrimônio. E foi logo avisando: se bateu tem de pagar.

Como eu não estava interessado no final da história, mais um desses fatos corriqueiros próprios de falta de educação das pessoas, tratei de cuidar da vida.

No caminho, a imagem na minha cabeça pedia uma análise. Quem teria razão? Ora, o homem estava certo porque

precisava passar e o carro da senhora obstruía o trânsito. Mas ele não tinha o direito de jogar seu veículo contra o carro da outra. Então a razão seria dela porque bateram num veículo que estava parado. Mas ela estava estacionada de forma irregular...

Esta é a tônica dos desentendimentos. Todos errados e todos com razão, ao mesmo tempo. Infelizmente, nem uma posição nem outra soluciona a questão.

O grave, no caso, é que o acidente aconteceu na porta de uma escola, onde matriculamos as nossas crianças, para que sejam instruídas e recebam orientações de civismo. Mas para que haja sucesso na sua formação, não podemos, com as nossas atitudes, contrariar o que a escola ensina. De nada adianta pôr filhos em colégios que lhes ofereçam o bom aprendizado, que lhes facilite o futuro se não damos a retaguarda que compete à família.

O mundo está feio e na minha cidade isto se constata claramente. Falta educação e civilidade. Ensinamos etiqueta, a comer direito, o copo e o talher adequado a cada refeição, como sentar-se com compostura, combinar roupas, e assim por diante. Mas o que mostramos em termos de polidez é desanimador.

Marido e mulher se desentendem e se agredem, embora tenham ideais comuns e lutem por um só objetivo, que é o bem estar da família. Diante disso, os filhos observam as agressões e se desinteressam pelo casamento, hoje um pouco fora de moda. É a prática desdizendo a teoria.

As melhores lições são oferecidas pelo exemplo. Quando desrespeitamos um sinal de trânsito ou trafegamos na contramão, contrariamos o que pregamos. O mesmo acontece na estrada congestionada, quando andamos pelo acostamento, pista para situações de emergência, mas que é a faixa de rodagem mais usada pelos espertos.

Transformamos filhos em cobras, criadas no cativeiro

do lar. Depois, tudo o que aprenderam conosco em matéria de astúcia, irão testar em nós. É quando reclamamos do filho mal educado, que mente, nem nos damos conta que fomos os seus melhores mestres.

Ensinamos a ele que deve respeitar o próximo, mas quando avançamos pelo acostamento, estamos deixando para trás os que estavam ali antes de nós e que pacientemente esperavam sua vez. Os desrespeitamos e lá na frente, onde a pista volta a estreitar, exultante, porque ganhamos alguns metros, damos sinal e exigimos que ele pare e nos deixe entrar na sua frente. Quantos desentendimentos e agressões nascem de tais atitudes.

Tudo isto me veio à mente depois que vi a raspada que o carro daquele senhor deu no veículo daquela senhora, quando os dois se comportaram de forma incivilizada bem na frente de um estabelecimento onde as famílias matriculam seus filhos, para que ganhem instrução e educação: uma escola.

Ironias da minha cidade!...

Porque hoje é sexta-feira

Lá onde eu moro tem feira. Dessas que ainda existem nesta minha controvertida cidade, misto de megalópole e província, chamada São Paulo. Ora moderna, ora brega.

Vocês que não moram aqui não imaginam o que é esse negócio chamado feira-livre. Entre meia-noite e seis da manhã os feirantes vão chegando com caminhões velhos e barulhentos. Falam alto, descarregam e começam a montar as barracas.

A partir daí ninguém consegue dormir. Caixote jogado no chão, martelada, anedota, gargalhada, até o sol nascer. E se o Corinthians ganhou, a festa é total...

Não posso sair de carro e, como trabalho longe, tenho de tomar duas conduções, além de levantar uma hora mais cedo. Mas isso não é o grave. Pior quando minha mulher sentiu-se mal e não pude levá-la ao Pronto-Socorro. Tive de apelar para um vizinho da rua de trás, às quatro da madrugada. Ainda bem que ele é amigo e o verdadeiro amigo se conhece nessas horas.

Terrível, também, é onde mora o meu cunhado. Próximo à sua casa havia uma antiga feira. Um dia as autoridades a transferiram para a frente da casa dele e a tal rua foi liberada para a construção de prédios. É cobiçada área Z3, segundo o zoneamento municipal. Em apenas uma quadra já tem mais de dez edifícios e continuam nascendo outros. Penso que a mudança da feira não se deu só por questões técnicas. Sei lá! Mas o meu cunhado foi prejudicado. Mudaram até o trajeto do ônibus... Quem será que lucrou com tudo isso?

Para quem não conhece uma feira, aqui vão algumas informações.

Ela é um conjunto de barracas onde tem de tudo: frutas, verduras, carnes, peixes, roupas, flores, conserto de fogão, de panela de pressão, pastel. Imagine uma barraca, na feira

tem. Tudo ao ar livre, no meio da rua, enchendo de poeira e fumaça!

Logo de manhã, correm as donas de casa fanáticas para comprar a melhor fruta e a verdura mais fresca, embora a preço alto. Sim, porque na feira o preço muda. Às sete horas é um, às dez é outro e às doze, quando está no fim, tudo custa um terço do que valia às sete horas. Não perguntem por quê. É “marketing” de feirante. É tão desonesto como liquidação. Você compra por dez e depois de um tempo eles fazem promoção por cinco. Mas se você reclamar a devolução dos cinco que pagou a mais pelo mesmo produto, eles não tomam conhecimento. Capaz até que o processem por desacato.

Toda feira tem barraca de peixe. Nos dias de calor é tão mal cheirosa que não se agüenta. Os pescados atraem moscas e a água corre pelo chão impregnando o asfalto que fica com catinga de peixe podre. O meu azar é que a da nossa feira fica bem na frente do meu portão.

Lá pelas duas, duas e meia da tarde, os homens carregam seus caminhões com as sobras e desmancham as barracas que no dia seguinte serão montadas em frente às casas de outras vítimas, no mesmo bairro ou noutra

Quando eles vão embora, a Prefeitura retira uma montanha de lixo. Varre e joga água para suavizar a porcaria deixada pelos feirantes.

O trabalho da Prefeitura para limpar o que esses senhores sujaram e evitar que os detritos entrem pelos bueiros, causando enchentes, é pago por nós com os lançamentos no carnê do imposto predial e territorial urbano, o execrável IPTU. São as taxas de conservação, limpeza e sinistro. Mas sinistro mesmo, é pagar pelo que não nos diz respeito; pela limpeza de uma sujeira que não produzimos.

Interessante que as pessoas viciadas em feira não se dão conta que é mais confortável e higiênico ir aos supermerca-

dos, hábito das cidades civilizadas, sem gastar mais. Foi-se o tempo que na feira era mais barato e os produtos eram melhores. Nos supermercados as mercadorias são de qualidade e se estaciona o carro próximo ao local da compra, paga tudo de uma só vez, com o famoso cheque pré, com cartão para trinta dias ...Tem carrinhos, não precisa carregar sacolas e não leva larva de mosca grudada nos alimentos.

Não fossem só essas vantagens, tem de se comprar leite, biscoitos, frios, bebidas, latarias e tudo o mais que se compra em supermercados. Por que não as frutas, as verduras, os peixes, as carnes?

Mas ainda não acabou a história da feira-livre. Quando os caminhões vão embora, cheios de paus e lonas, caixas e gente na carroceria, tudo ilegal, cuidado. Eles ficam gordos como uma melancia porque penduram o material das barracas do lado de fora do veículo. Não conseguem ver pelos retrovisores, nem interno nem laterais, e por isso é comum provocarem acidentes. Sem contar que há muito feirante que não é hábil para dirigir, apesar de ter conseguido uma carteira de motorista.

Quando vai aparecer na minha cidade um prefeito lúcido, que confine estes senhores em lugares próprios, para que não incomodem as pessoas e para que os contribuintes do IPTU não sejam impedidos de sair, nem tenham os imóveis desvalorizados pela terrível e arcaica reunião chamada feira livre. Há terrenos públicos e praças ociosas onde se podem realizar esses encontros para atender aos masoquistas, sem perturbar a vida dos que precisam dormir para trabalhar no dia seguinte. Se um dia ele aparecer, nesse prefeito eu voto!

Seqüelas da minha cidade... !

Máquina louca

Eu tenho um carro novo, bonito, que comprei pelo consórcio em sessenta prestações, em longos cinco anos de paciência. Mas a felicidade durou pouco, porque não tenho o direito de usar. É meu, mas só me dá aborrecimentos.

Em cada cruzamento, lá está alguém que quer me vender coisas. Chicletes, alho, limão, trava de segurança, refresco, caixa de ferramentas, morango, pano de pó e outras bugiganças. Também ali está um jovem armado de uma esponja de limpar pára-brisa que me coage a aceitar os seus préstimos e dar-lhe uns centavos. Centavos não, reais, para que ele empocalhe o vidro do meu carro.

Chego ao destino e lá está o guardador.

- Posso tomar conta, doutor? Na minha cidade quem tem carro vira doutor.

Tenho de aceitar sob pena de encontrar o carro riscado, pneus esvaziados, vidros quebrados e toca-fitas arrancados.

Quando preferi mudar a tática e deixar o carro num estacionamento paguei mais caro do que o ingresso do teatro. Pelo espetáculo os artistas me cobraram dez reais e para deixar o carro num terreno lamacento desembolsei quinze. Além disso, havia uma placa bem legível: "Não nos responsabilizamos por valores que forem deixados dentro dos veículos". Eles tomam conta, mas sem fanatismo.

Além dos lugares onde há esse transtorno, estacionamentos ou guardadores, eu paro em outros locais. Aí o problema é diferente. Um garoto desocupado, de má índole, munido de um prego ou de uma tampinha de garrafa, decide deixar sua marca na pintura do meu carro. Ele gostaria de agredir a mim pela sua revolta contra a vida. Mas como não pode, risca o veículo.

Para o brasileiro o automóvel é importante. Não é ape-

nas meio de transporte, mas referência de posição social. Agredir o carro é agredir a alma. Deixa-nos revoltados, azedos e se chegarmos no momento em que o ato está se consumando não respondemos pelas nossas ações. Tomaremos uma atitude da qual nos arrependemos, mas seguramente vamos nos descontrolar.

A cada dia o desrespeito ao patrimônio alheio é maior. O que fazem com o carro, fazem com os muros, com as fachadas das casas. São os que apedrejam as escolas, as fábricas, quebram vidros, destroem telefones públicos e cestos de lixo. São os pichadores anônimos e, nas eleições, os pichadores profissionais. Os políticos em quem votamos.

Esta é uma parte dos transtornos que a minha cidade nos causa.

Fator estressante com o qual temos de conviver nas ruas é também o deseducado tráfego urbano.

Moro em rua movimentada e tenho dificuldade para entrar e sair de casa. Não me deixam. Até parece que os outros não moram em lugar nenhum e nunca têm de voltar pra casa.

Para sair, vou avançando com o carro até que alguém me deixe passar. Não por educação, mas porque o carro dele não cabe no vão que eu deixei. Que remédio! Para entrar, dou sinal de luz cem metros antes, ponho a mão para fora, como aviso que vou entrar naquele portão, e ainda assim levo sustos com as freadas próximas ao pára-choque, buzinas, ou escuto palavrões pelo pecado de ter de entrar na minha casa. Penso que eles não acreditam porque não é hábito as pessoas sinalizarem as manobras. E pode ser que eles tenham escritura da rua e se eu reclamar acabarei preso como Invasor.

Sou um privilegiado porque trabalho próximo à residência. Mais ou menos cinco quilômetros, dentro do mesmo bairro, junto à Rodovia dos Imigrantes. Ainda assim, conforme a hora, chego a gastar no trajeto cerca de trinta a quarenta minutos.

Há vários cruzamentos movimentados e todos eles com semáforo. Mas não adianta. O trânsito enrosca porque os motoristas fecham os cruzamentos. Não são apenas os amadores. Os profissionais também. Os taxis e os ônibus desrespeitam as leis de trânsito tanto ou mais do que os particulares.

E as motos! Coisa triste.

Há na minha cidade os entregadores de pizza, de correspondência, de encomendas. Para eles não existe sinalização. Estão sempre na preferencial. Passam por entre os carros, avançam no farol, desrespeitam as faixas para pedestres e é por isso que, vez ou outra, vemos um deles estendido no chão, enquanto a maioria reclama que os automóveis não respeitam os motoqueiros.

Eles têm direito legal ao uso da faixa de rolamento como um veículo de quatro rodas. Mas não se comportam e acarretam problemas para si e para terceiros porque acabam se envolvendo em desnecessários acidentes. Será que é tão difícil disciplinar essas pessoas?

Por tudo isso, eu gostaria de andar de ônibus, de metrô ou mesmo a pé, mas, devido à localização do meu trabalho, ainda preciso me escravizar ao carro. Um dia me livro dele, se Deus quiser. A não ser que as pessoas se eduquem. Nesse caso, talvez eu mude de idéia.

A esperança é a última que morre. Mas como ela já está agonizando, estou indo embora. Lá onde eu vou viver tudo é perto. Vou morar, passear e trabalhar em locais tão próximos que me permitirão divorciar-me dessa máquina de fazer doido, dessa arma engatilhada, dessa fábrica de feras que nos tempos modernos é conhecida pelo pomposo apelido de automóvel. Vou morar à beira da praia e não precisarei de casa de lazer nem gastar horas na estrada, enjaulado no meu veículo.

Queremos máquina moderna, bonita, potente, para demonstrar poderio econômico e nem percebemos que acabamos escravizados, porque o poder é dela, não nosso.

Tiranos da minha cidade!...

Barbaridade, que frio

Não bastassem os problemas causados à minha cidade pelos homens, até a natureza conspira contra ela. Aqui há todos os climas num só dia. "À la carte", como dizem os franceses.

É difícil ter saúde por estas bandas. É grande o número dos que sofrem de asma, bronquites, rinites, alergias, dermatoses, dermatites. Pudera, só sendo refratário, como um "pirex", para suportar as bruscas mudanças da temperatura. Temos de viver como o caracol, que carrega a casa nas costas, chova ou faça sol.

Além desses problemas, a minha cidade não está preparada para conviver com as mudanças de clima. Quando menos se espera, despenca uma chuva forte. Mesmo que dure poucos minutos, faz estragos. Se for nas horas de pico do trânsito, quem olhar a cidade por cima verá uma imensa serpente formada pelos carros, colados uns aos outros. O congestionamento é medido em quilômetros e passam facilmente dos cem, só na área urbana. Cem quilômetros de automóveis, um atrás do outro, são quase quinze mil veículos se arrastando, que gastam horas para vencer trajetos de minutos.

Isso acontece porque o clima na minha cidade é totalmente desorganizado. Chega outubro, novembro, e quando menos se espera lá estamos nós de blusa de lã. A dona de casa já lavou, passou e guardou os cobertores, os pijamas de inverno e tem de tirar tudo do armário novamente. Depois de dois ou três dias, esquentada de novo. É duro de agüentar.

No meu caso, como já passei dos sessenta, o problema são as juntas. Dói tudo. Joelho, costas, cotovelos, dedos incham. A pressão passa dos quinze e a mínima chega perto dos dez. É hora de tirar o sal e tomar o moderador para controlar o desarranjo.

OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

Paralelamente, e ninguém pode evitar, fica-se de mau humor. Dorme-se encolhido, tenso e acorda-se com dor na cabeça e no corpo todo. Para atenuar a friagem, temos de dormir de touca; como um nenê.

Neste ponto, pelo menos neste, não adianta reclamar dos governantes porque também eles têm de se sujeitar à vontade da natureza. É a hora da igualdade. Trata-se de mais um teste de paciência entre os muitos com que temos de viver.

O consolo é que o povo da minha cidade está purificando e pagando todos os pecados numa encarnação supletiva. Terminado este tempo, irá para o céu em vôo direto e sem escalas. É o que dizem!

Provações da minha cidade... !

Apenas um menino

Fiz o que raramente faço: fui ao centro da cidade. O carro ficou na estação Conceição e aí tomei o metrô para viajar doze quilômetros até a Sé, a estação central.

Dei uma volta pelo comércio, porque pretendia comprar alguma roupa e ver como estavam as coisas lá pelo centro louco da desvairada paulicéia.

Passei em várias lojas, mas só comprei um filtro de linha para computador. Coloquei-o numa sacola e lá vinha eu pela Rua Quinze de Novembro, distraído, passos lentos. Observava as barracas que formam a alameda dos marreteiros, quando senti uma fisgada no bolso. Voltei-me e o dinheiro estava no chão. O ladrão não tivera sucesso. Recolhi as notas, algo como trezentos reais, enquanto as pessoas me olhavam curiosas, assustadas, falando do perigo e me dando conselhos de prudência.

Impossível descrever o que senti com a ação daquela criatura. Nem tive tempo de vê-la, tão hábil e ligeira fora ela. Pensei no pouco amor que tem pela vida, porque cedo ou tarde será surpreendida num flagrante. Seria homem, mulher, criança, adulto, branco, negro? Não sei, não vi.

A Rua Quinze de Novembro, para os que não conhecem a minha cidade, é paralela à Rua Boa Vista e ambas começam na Praça da Sé. Aquela mesma praça das crianças carentes, das que cheiram cola e fumam crack, onde os pequenos seres, como ratos, moram nas frestas, nos bueiros ou sob marquises e viadutos.

Não entendo porque aquelas crianças estão ali. Elas têm família. Todo mundo tem família. Se não tem pai ou mãe, tem avô, avó, tio, irmão. Sempre há alguém. Aquelas crianças estão ali porque conseguem dinheiro fácil para os adultos ou porque são rebeldes, difíceis de ser educadas, e os pais prefe-

rem deixá-las a cargo do mundo.

Qual seria a solução para resolver o problema? Pergunta que muitos já fizeram.

É difícil, porque não basta dar a elas a escola, a alimentação e a ocupação profissional, se a formação errada já fincou raízes. Tresloucam-se com as drogas e já desde os primeiros anos de vida têm equivocadas experiências no campo do sexo. Muitas estão condenadas com doenças venéreas ou outras resultantes da promiscuidade. Não trocariam sua atual liberdade pelo melhor conforto ou pela melhor comida.

Para superar o problema, é necessário um trabalho em âmbito maior e mais competente. Há que ser levantada a origem de cada um e constatar quem pode voltar para a casa e quem deve ficar sob a responsabilidade do Estado. É preciso criar uma nova família e fazer com que a criança nasça novamente, dos mesmos pais ou de pais diferentes. Anular os velhos instintos para depois dar-lhe nova direção.

Seguindo a lição do desfavelamento que se opera na minha cidade, pelo pouco que sei os responsáveis não têm se limitado a tirar as pessoas dos barracos e transferi-las para os apartamentos. Enquanto estão confinadas a espera da conclusão das novas moradias, recebem aulas de educação e higiene que as habilite a viver nas novas condições. Experiência do passado demonstram que quando esse conforto exige algum trabalho essas pessoas preferem ficar sem o bem-estar e sem o trabalho. É preciso reeducá-las. Isso não acontece só na minha cidade. Já vi o mesmo problema em muitas outras, inclusive no exterior.

Ainda assim há críticas. Adversários políticos alegam que os apartamentos não seriam dos moradores, que estariam sendo enganados. Mas a mensalidade - ao redor de cinquenta reais - é vantajosa ainda que fosse um aluguel. Vão morar em zona nobre, com benfeitorias e condução à porta, tudo o que

não consegue o cidadão honesto, trabalhador, que nunca invadiu ou construiu em terra alheia. Quando este quis ter sua própria casa, começou com um terreno mal localizado, sem luz, água de poço, sem calçamento ou condução próxima. Foi um desbravador da periferia. Um bandeirante urbano. Se o novo morador recebesse de pronto a escritura, livre de impedimentos, venderia o imóvel no dia seguinte.

Aqueles que discordam, analisem o que as pessoas fazem com os vales transporte, tíquete refeição e similares. Arriscam no bicho, compram bebidas, drogam-se, jogam sinuca. Mesmo sem a posse definitiva dos apartamentos, as pessoas estão aprendendo a viver em condição humana, o que é difícil nos barracos. Na favela o esgoto corre a céu aberto e a água para o banho e para a comida vem sempre de fonte duvidosa.

Um dia vamos todos aprender que o valor das pessoas está no que são, não no que têm.

Quando cada criança, antes de chegar à Praça da Sé, for amada e orientada como filho, tiver seus brinquedos, puder andar de bicicleta e jogar video-game; quando for encaminhada a partir de um trabalho amplo de respeito à vida, será somente de homem de bem e não de marginal, como tantos outros que nos entristecem. Essa criança sentirá o sabor de estar no mundo, desfrutar as belezas da Terra e se alegrará por conseguir manter-se com o esforço próprio. Não mais sentirá o desprezo que a deixa revoltada. Será dependente do estudo, do lazer e do trabalho e não mais dos vícios, que passarão a lhe causar repugnância e mal-estar.

Nesse dia, andaremos tranquilos pelas ruas sem o risco de um pivete meter a mão no nosso bolso porque ele não precisará desse expediente. Terá com que se sustentar e, mais do que isso, terá aprendido que nada tem valor quando se consegue pelas vias da desonestidade.

Desprezados da minha cidade... !

Vamos à praia

Finalmente, um longo fim de semana. Com o feriado da quinta-feira, o pessoal, sem pensar duas vezes, enforca a sexta. É o chamado feriadão.

Como também sou filho de Deus, eu é que não vou perder a oportunidade de ir à praia, tomar um solzinho para pegar um bronze e comer um camarãozinho frito, que só o meu amigo do bar ao lado sabe fazer. Eu falo e a boca já enche d'água.

Minha mulher prefere fazer compras em São Paulo porque nesses dias os mercados e as padarias da praia ficam cheios e os preços sobem devido à irrevogável lei da oferta e da procura. A inflação atualmente é pequena, mas quando se pode cobrar um pouco mais e as pessoas pagam não há porque perder a oportunidade. Minha mulher conhece bem o pessoal. E se for ao supermercado, onde o preço é mais ou menos o mesmo da nossa cidade, há filas e mais filas.

Cabe a mim algumas providências. Abasteço o carro, calibro pneus e vou ao banco comprar talões para facilitar no pedágio. Tudo pronto, vamos embora!...

Como já sabem, moramos próximo à Rodovia dos Imigrantes, no bairro do Planalto Paulista. De casa até o início da rodovia são três quilômetros. Para uma cidade como a minha, é uma distância pequena. O problema é que basta sair de casa para entrar no congestionamento. Desde o km 0 há excessivo número de veículos, todos em busca de lazer. Levam colchões, prancha de surf, moto, jet-ski, cachorro, papagaio.

O sol está quente desde cedo, mas o carro tem ar condicionado. Embora provoque resfriados e alergias, damos uma ligadinha, depois desligamos e vamos temperando o clima.

Por alguns quilômetros o fluxo caminha bem, mas quando se aproxima do pedágio as filas vão se formando. São mais

de dez guichês, mas só dois para quem tem cupom. Quem é prevenido e facilita o trânsito acaba sendo prejudicado, porque a maioria nem se liga em comprar talões. Se eles fizessem o inverso, menos guichês para quem paga com dinheiro, as pessoas aprenderiam. Mas parece que a sobra do troco interessa mais a eles do que a fluência do tráfego. Basta perceber que há pedágios de R\$ 2,72, R\$ 1,87, etc. Ou é gozação ou esconde segundas intenções.

A viagem vai bem. Lá na frente um probleminha: tem cerração e a polícia rodoviária organiza um comboio, a mais ou menos dez por hora. É só até a serra. Depois libera. Ali é comum ter neblina, a qualquer hora do dia. Mas disciplina é disciplina e a segurança vem em primeiro lugar!

Com paciência, finalmente vamos descer. Pela via Anchieta, porque a Rodovia dos Imigrantes está com o sentido do litoral para a Capital. Ainda não conseguiram construir a segunda pista dessa estrada que liga a terceira cidade do mundo ao maior porto da América Latina. Por ela passa a maior parte das nossas exportações e entra o grande volume das compras feitas no exterior.

Mas eles a vêem como estrada turística e não investem na duplicação. Nem o Governo Federal se dá conta do absurdo.

Há muito tempo o presidente e o governador são do mesmo partido. É a ocasião para se entenderem e terminar esta rodovia de interesse nacional. Nem o bairrismo é impedimento porque o presidente mora em São Paulo e o governador nasceu em Santos. Está aí a ligação que faltava! (*)

Mas continuemos a viagem ...

No início da serra o trânsito está lento. Uma chuvinha derrubou barro na pista e só passa um carro por vez. Ainda bem que não interrompeu as duas pistas porque a Via Anchieta só tem duas, sem acostamento. De um lado tem o morro e do outro o precipício.

Viajamos mais de hora e meia e andamos cerca de quarenta quilômetros. O apartamento fica a setenta de casa. Está na primeira praia de Santos, a do José Menino. Às vezes está poluída como as outras, embora tenha tratamento de esgoto e boa manutenção. Quase não se vê lixo, é iluminada e entre a avenida e a praia há um amplo e bem cuidado jardim.

Mas ainda não chegamos e é cedo para comemorar. Rezemos para não haver um dos habituais engavetamentos, quando, devido à impaciência, quinze, vinte ou mais carros colidem de uma só vez.

“Pra baixo todo santo ajuda”. Vamos descendo a serra. O que demora normalmente quinze minutos passará de quarenta e cinco. Melhor ir devagar e chegar do que ter pressa e provocar um acidente. Afinal estamos passeando!

O sol está quente e a boca está seca. Mas isso se resolve. O que não falta é vendedor de cerveja, refrigerante, água gelada, picolé. Custa caro, mas tem. Ninguém vai morrer de sede. Afinal, dinheiro é para isso.

Fim da descida. Agora será melhor. Uma parte segue para o Guarujá, que antes de ser poluída foi muito famosa, outra vai para os lados da Praia Grande e a minoria para Santos. Nessa hora levamos vantagem!

Menos de três horas de viagem e estamos no apartamento. Nos setenta quilômetros habitualmente gastamos uma hora, mas com o fim de semana longo atrasou um pouco. Lamentamos pelo combustível desperdiçado com o congestionamento, porque além de ferir o nosso bolso aumenta as importações, sem necessidade.

Tomamos as providências habituais. Ligar a geladeira, limpar o purificador de água, abrir a casa, vestir roupa leve e começar a curtir.

Vamos almoçar porque já é quase meio dia e não dá mais praia na parte da manhã. Não faz mal, iremos à tarde.

TCHAU, SÃO PAULO

Comemos geralmente num pensionato de freiras, onde tem sempre de sobremesa um doce de abóbora feito na cal. Uma delícia!

Compramos revista e jornal e voltamos ao apartamento para uma relaxada. A viagem foi cansativa e é preciso repousar um pouco. Minha mulher faz palavras cruzadas. Gosta muito e não passa sem elas. Diz que ajuda a melhorar a cultura.

Lá pelas três horas, fomos tomar um banho de mar e o problema foi encontrar lugar para o guarda-sol e as cadeiras. Mas como praia é lugar de democracia, sempre se dá um jeito. Um detalhe, ela é ampla, plana e sua areia é branca. E o banho valeu!

Os outros dias não foram diferentes. Praia, almoço, dormida, praia. À noite, uma caminhada pelo calçadão, cinco quilômetros ida e volta. Deu para esfriar a cabeça.

Domingo, para não correr risco, subimos a serra sob o sol do meio dia. Se deixar para depois complica. No fim da tarde estamos em casa e nos preparamos para a segunda-feira, o sadismo dos calendários.

Assim é a minha cidade. Gente boa, séria, que trabalha, trabalha e tem problemas até para se divertir. Mas embora tenha sabor masoquista, todos curtem.

Uma ligação mais fácil entre ela e o litoral não resolveria todos os problemas, mas ajudaria. A estrada é estadual, mas o presidente bem que podia dar uma força. Os homens dizem que não têm dinheiro, mas têm dinheiro para tanta coisa!...

Dia destes, vi no jornal uma lista dos valores arrecadados de ICMS e os gastos com funcionários públicos. Havia um estado que para cada cem de imposto arrecadado pagava cento e dezoito para as pessoas que controlam esse imposto. Não deu para entender. Não era preferível não ter nem imposto nem salários. Daria um lucro de dezoito por cento. Uma empresa

particular não sobrevive nessas condições. O estado consegue porque não pode ser protestado, nem falir ou pedir concordata. E note-se, que ele também tem de fazer estradas, hospitais, escolas e não apenas pagar funcionário público. Mas se o dinheiro não dá nem para isso!... Por essa razão, falta escola, falta médico e há doutores que ganham misérias depois de estudar quase vinte anos. Na minha cidade as pessoas estão sendo achatadas entre o piso e o teto dos salários, que quase não têm diferença.

Algo está errado. A minha cidade é a terceira no Brasil na arrecadação. Só perde para o nosso estado, que é o mais rico, e para o Estado do Rio de Janeiro. Arrecada mais do que qualquer capital brasileira, mas nunca tem dinheiro. Para onde ele vai?

Realmente não creio que faltem recursos para fazer as obras. O dinheiro é desviado para onde não deve. Para ajudar bancos falidos, por exemplo. Um banco não devia ter problemas. Ele recebe depósitos e empresta a terceiros o dinheiro recebido. Não pode emprestar mais do que recebe e, portanto, trabalha com o dinheiro dos outros. Paga aos que depositam entre um quinto e um décimo dos juros que cobra quando empresta. Essa matemática deveria ser sempre favorável ao Banco, mas estranham ente não é. E nos bancos estatais, grandes cabides de emprego, entre outras muitas mazelas, aí é que a coisa fica grave. Por isso eles não ampliam a malha do metrô nem a rede de água nem concluem a Rodovia dos Imigrantes...

Incompetências na minha cidade... !

Espaços e espaçosos

A minha cidade é organizada. E tem de ser, porque somos milhares num espaço pequeno. Para ficar bem dividida, ela tem um plano diretor com código de edificações. Só que eu não entendo bem. Em alguns lugares você pode fazer alguns tipos de construções e noutros, similares, têm de ser diferente. É o zoneamento.

Há lugares de Zona Residencial onde você pode morar. Mas não é morar de qualquer jeito. Tem regras. Se for Z2 você pode fazer um prédio pequeno; Z3 pode fazer maior. Não sei qual é o critério. Onde eu moro a rua da frente é Z2 e a de trás é Z3. As duas são iguais,

O bairro é o mesmo, mas para construir são diferentes.

Quando você faz a sua casa particular, não um prédio, tem de afastar a construção nos quatro lados. Ficar bem longe dos vizinhos. Talvez seja por isso que ninguém se conhece e não haja a solidariedade que se vê nas favelas. Ali os barracos são tão grudados uns nos outros, às vezes até com paredes comuns, que quando um fica resfriado o vizinho espirra. E a Prefeitura manda pôr água, luz e telefone para que as pessoas vivam com dignidade. É o que dizem. Não é um tanto estranho?

Se a largura da rua for menor do que dez metros, você tem de recuar na frente sete metros em vez de cinco. Num lote de dez de frente, você deixa de usar setenta metros quadrados de um terreno sobre o qual você paga imposto da área total. Setenta metros é o tamanho de muito lote popular. Numa favela, em setenta metros fazem sete barracos, no mínimo.

Por que eles fazem ruas com menos de dez metros?

Quem aprova o loteamento é a própria Prefeitura. E mais, nessas ruas só podem ser feitas obras de até quinhentos metros quadrados, independentemente da área do terreno. Esses códigos também decidem quantos metros deve ter o nosso ba-

nheiro, o nosso quarto, a nossa cozinha. Parece que eles é que vão morar lá.

Vocês pensam que isto é levado a sério? Nada. As obras são todas irregulares; e não é porque o povo seja desonesto. É que as leis são absurdas e a Prefeitura acaba fechando os olhos para depois dar anistia. Regulariza o que está irregular para arrecadar uma quantia extra. Quem segue a lei leva desvantagem. É a velha asserção: criar dificuldade para vender facilidade.

Há também zonas comerciais, de serviços, institucionais, industriais. Em cada uma pode-se construir negócio diferente. Mas depende da autorização da CETESB, que controla a poluição segundo o tipo de atividade. Se for uma fundição para derreter cem quilos de metal por mês, que vai poluir menos que a pizzaria da esquina, sujeita-se à mesma lei que a Companhia Siderúrgica Nacional. Poluição é poluição e fundição é fundição; e está acabado. E não discuta com eles porque são os técnicos.

Lembro-me dos tempos da velha São Paulo, quando a única zona que havia era a zona do meretrício, nas ruas Aimorés e Itaboca, no Bom Retiro, com a concorrência da boca do luxo, nas imediações da antológica Avenida São João. Lá pela década dos cinqüenta, um político acabou com o confinamento e deixou as mulheres pelas ruas. Na zona, passavam por exames médicos e ninguém ficava doente no contato com elas. Agora em vez de uma zona para abrigar as prostitutas, elas é que fizeram da minha cidade uma zona. E espalham doenças pelos quatro cantos. Prostitutas e prostitutos, porque na minha cidade tem uma porção de sexos. Tem homem, tem mulher, tem mulher que é homem e tem homem que é mulher. Tem também o que é homem e mulher, ao mesmo tempo. Equívocos dos moralistas.

Para as moradias existe também a Z1, de uso estritamente residencial, onde nenhum negócio é permitido. Só ativi-

dades de profissional liberal e com no máximo um empregado. Mais rigor do que numa residência, onde tem babá, porteiro, enfermeira, segurança, passadeira, cozinheira, motorista, jardineiro, mordomo, faxineiro... Ufa! E até "personal trainer".

Nos terrenos dessa zona, não importa o tamanho, só pode morar uma família. Não permitem desdobrar o lote para fazer diversas casas nem prédio de apartamentos. Recentemente, passaram a permitir duas. Só duas residências unifamiliares. Se houver árvore no terreno não pode cortar; a menos que plante duas para cada uma que remover. Por isso as pessoas põem veneno nas plantas para que elas morram e não tenham de cumprir a lei. O eterno e condenado "jeitinho" brasileiro.

Normal que a minha cidade bajule os ricos e crie para eles um tipo de vida privilegiada. Nas Z1, as casas são grandes, têm três, quatro, cinco automóveis, jardins, solários e todos os supérfluos que os abastados, embora não usem, gostam de ter para demonstrar poder econômico. Nela moram pessoas bem sucedidas. Desde grandes empresários até respeitáveis bicheiros. "Ele mora bem" é uma expressão corrente que engorda o ego desse pessoal, especialmente dos fúteis.

Por isso, os que moram no "pau do mapa" ficam com saudades dessas pessoas e, à noite ou nos fins de semana, vêm fazer visitas e buscar alguma recordação. Jóias, relógios Rolex, dólares, toca-fitas, uísque, carro importado, uma ou duas das oito TVs... Algum regalo, como diz o espanhol; ou o souvenir do francês.

Mas o rico também come pão, compra remédio, vai ao restaurante. Por que não são permitidos nessas zonas os comércios básicos que não enfeiam, não sujam e nem poluem o bairro? Para fazer compras as pessoas têm de andar muito, porque tudo é longe.

Nessas zonas eles deixam funcionar os estabelecimentos que existiam antes do zoneamento, o tal que transformou a

minha cidade numa zona, ou os que abrem negócios mesmo sabendo que é proibido e quando o fiscal chega dão um jeito.

Cito dois casos, vizinhos à minha casa: Um de uma jovem que se estabeleceu em Z1 e quando foi convidada a pagar pelas facilidades fechou e mudou para outro bairro. Não quis corromper-se. Vendia comida. O outro, estabelecimento que existe bem antes da lei, mudou de dono, embora sem sair do ramo ou aumentar a área de trabalho. Esta senhora que não podia fechar nem mudar, já que dependia do negócio para sustentar-se, foi tão pressionada pelos senhores do fisco que enfartou e morreu. Os herdeiros venderam o ponto e os novos donos continuam trabalhando. Quem sabe estes se submetem aos acertos que a outra não agüentou. Quem sabe!

Mistérios da minha cidade...

O preço da vida

Ninguém imagine que estou tratando de inflação, índices, custos ou qualquer outro desses assuntos da alçada dos competentes secretários e economistas que controlam a vida na minha cidade.

Não. Não estou analisando o preço da cesta básica, nem a redução do custo de um televisor, de uma geladeira ou de um desses fornos loucos que esquentam comida sem fazer fogo. O que observo são acontecimentos que servem de manchete aos jornais, diariamente.

Um jovem de vinte e dois anos foi seqüestrado porque se atreveu a andar em carro importado, desses até mais baratos do que os populares nacionais. Renderam-no e o conduziram a um município que fica a oitenta quilômetros da minha cidade: Sorocaba.

Os pais estavam no exterior e foram surpreendidos com a notícia de que o filho fora levado por cinco bandidos, quando saía de uma Sinagoga no bairro de Higienópolis, zona central, onde tem apartamento o Presidente da República. Os bandidos tiraram do infeliz a quantia de cinqüenta reais e depois lhe deram facadas e tiros. Consumado o crime, jogaram o corpo num rio, onde foi encontrado depois de três dias por indicação dos próprios assassinos. Presos quando brincavam com o carro roubado, confessaram friamente o desenrolar do crime. A vida do moço custou cinqüenta reais.

Outro caso.

Empresário da construção civil, cujo corpo foi enterrado num local qualquer, próximo à capital, também serviu de notícia. Seqüestrado, foi morto logo em seguida por falta de local para o cativo, segundo os próprios assassinos. Um dos bandidos, que mantinha negócios com o falecido, contratou capangas para ganhar dinheiro fácil, pouco se importando com o

amigo. A família continuava pagando e quando pediram prova de vida, os facínoras desenterraram o cadáver para mandar a aliança à família. Sangue frio e animalidade de pessoas que se definem como humanas, indevidamente.

Mas quando não é a ganância é o desequilíbrio e a maldade que estão na pele e nas almas das criaturas. Dois automóveis resvalaram e seus retrovisores quebraram. Três homens espancaram o motorista do outro carro até a morte. Por mais que a esposa pedisse clemência, com o marido já desacordado, os pontapés só cessaram quando ele não mais respirava.

O que está transformando os habitantes da minha cidade em criaturas tresloucadas, incapazes de controlar-se, a ponto de serem mais violentas do que animais selvagens. Seriam elas as bestas do apocalipse ?

São três casos ocorridos na minha cidade numa única semana. Na mesma semana em que uma jovem modelo submeteu-se a uma cirurgia para emagrecer dois quilos e entrou em coma. Loucuras e só loucuras!

Há trinta anos, quando fatos como esses alvoroçavam a minha cidade, durante meses não se comentava outra coisa. Atualmente, as mortes por discussão no trânsito, ou por qualquer desentendimento, viraram rotina. São fatos do jornal, da TV e alguns até teatralizados em programas de mundo cão liderados por homens muito bem pagos, em horário nobre. Mas são tantas as notícias que logo que apareça uma nova tudo é esquecido e não se fala mais no assunto. São manchetes de impacto, do dia, de curta duração.

Curioso que há sempre um jogo de empurra. Ela tem um prefeito, mas como faz parte de um estado, São Paulo, sofre a ingerência do governador. Sem falar das leis federais o que transforma tudo num balaio de gatos.

Há órgãos estaduais como a SABESP, que cuida do tratamento e da distribuição de água e que deveria sanear os es-

gotos antes de despejá-los nos rios. Um deles, o Pinheiros, que corta a minha cidade na zona sul, deveria ir para o Guinness Book como o maior vaso sanitário do planeta. Essa prestadora de serviços públicos abre buracos e não tapa. Deixa para a Prefeitura, e esta, por sua vez, cuida primeiro dos seus buracos para depois pensar no buraco dos outros.

A companhia dos telefones é outra que faz os mesmos estragos embora com menos buracos porque a maioria dos cabos é aérea.

O sistema de transportes da minha cidade é outro negócio complicado. A empresa municipal de ônibus foi privatizada e hoje os particulares é que exploram o serviço. Além delas, temos o metrô, que é ótimo, moderno, limpo e rápido, mas que é administrado pelo estado, embora só circule na capital. Alguns corredores de ônibus também são da companhia estadual. Por que será? Porque são obras caras, envolvem muito dinheiro e ninguém quer abrir mão. Será por isso?

Com a polícia acontece o mesmo. Tem guarda municipal que não pode policiar porque o Estado, que têm a Polícia Militar, diz que é seu o monopólio. Também esta não se entende com a Polícia Civil embora a função de todas seja a mesma: manter a ordem e punir as faltas.

Enquanto discutem quem deve prender, os marginais ficam à vontade. Há até crimes entre policiais, como acontece entre bandidos, quando um invade o pedaço do outro. Essa é a razão do aumento da criminalidade.

O policial não pode atirar para não ser processado, mas se os bandidos são presos, devido ao sistema penal ultrapassado são soltos no dia seguinte. Por isso, a cada dia há mais policiais virando bandidos. E com isso, a marginalidade entende que vale a pena matar por cinqüenta reais. Na minha cidade, as causas que levam ao crime são a miséria, o desequilíbrio e a

OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

impunidade. Mas a desorganização dos órgãos responsáveis dá uma grande colaboração para que tudo piore cada vez mais. Um dia ficará tudo incontrolável.

Incongruências da minha cidade... !

Só pragas

Na minha cidade acontece de tudo. Com a chegada do verão aparece um tal de siriri, que quando é o cupim ainda sem asas, é o pantufo. Não é patife, embora se comporte como tal.

O conhecido bicho da lâmpada, costuma fazer casas onde há buracos na terra, fendas, para depois se transformar no terrível inimigo que come madeira, fio elétrico, concreto, alumínio e o que mais encontre pela frente.

Os cientistas dizem que se o mundo acabar, o cupim continua. Ouvi dizer, não sei se podem provar, que há três milhões desses insetos para cada habitante do planeta. Se frito fosse bom!... Difícil vê-los antes que façam o estrago. Quando nos damos conta, o telhado pode vir abaixo e o imóvel despençar. Por enquanto, há firmas especializadas em combatê-los, mas quando ficarem totalmente imunizados, devido ao uso repetido de venenos, será difícil acabar com eles. Serão como os meninos cheiradores de cola.

Outros tipos de bichos, como ratos, formigas e baratas, também se encontram em quantidade na minha cidade e contra esses é preciso cuidar da limpeza e embalar a comida para impedir que eles se alimentem. Pernilongo e outros tipos de mosquitos, também aqui há bastante. Deve-se ao lixo e às águas paradas.

Interessante que as pessoas reclamam da Prefeitura, exigem que ela limpe tudo, mas não colaboram. Quando há uma poça d'água em frente à minha casa, eu jogo creolina ou água sanitária para matar os insetos. Não adianta brigar com ele porque o mosquito passa por cima do muro e pica a minha família. Ele não sabe que a culpa é da Prefeitura e que deveria visitar o prefeito, os secretários, os administradores regionais ou os encarregados da limpeza. E nem pense em dar-lhe o endereço porque ele vai dizer que é longe!...

Além dessas pragas, resultado da sujeira material, há outras que são consequência da podridão mental. A cada dia surge na minha cidade um novo golpe. Espertos vendem telefone que não é deles, fazem ligações pelo celular do outro ou preparam documentos falsos para a venda de carros dentro do próprio departamento de trânsito. Para facilitar ainda mais a vida dos desonestos, na minha cidade há uma porção de depósitos conhecidos como "desmanches" onde você compra peças avulsas para reparar o seu carro.

Esses "desmanches" nasceram da idéia de aproveitar partes de carros avariados cujo conserto ficaria caro. A partir daí o negócio ficou vantajoso e eles resolveram comprar carros inteiros para desmanchar. Mas alguns não compram dos donos porque fica caro. É mais lucrativo comprar de ladrões que vendem veículos novinhos a preço de ocasião. Se quiser carro importado é só encomendar. Eles providenciam da marca, cor e ano que o interessado deseja.

Existe até estatística que mostra quais são os carros mais cobiçados pelos "desmancheiros". São os que saíram de linha e os populares mais vendidos. Se ao invés de encomendar para "desmanche" preferir algo especial para "exportação", aos irmãos paraguaios, por exemplo, eles também providenciam.

Todos conhecem esses demolidores, mas eles são intocáveis. São conhecidos os locais onde ocorre o maior número de roubos, mas nem por isso há policiamento. Os dados são para informações estatísticas. Estamos abandonados; é a dura realidade.

Mesmo quem nunca teve carro roubado para ser desmanchado ou "exportado", paga o preço. As taxas de seguro são cada vez mais altas. As companhias não podem perder. E deixar de fazer seguro é perigoso. Podemos ter grande prejuízo. Ser preso por ter cão ou por não ter cão, é o destino de quem mora na minha cidade. E temos de dar graças a Deus se

não formos abordados e mortos num semáforo, mesmo sem reagir, porque eles matam por prazer ou por estar drogados e agir como irracionais.

Outro golpe que há na minha cidade é o da pessoa que finge precisar de ajuda, de alguma orientação, porque veio de fora. No exercício da fraternidade, e até disto estamos sendo impedidos, ajudamos, alimentamos, conversamos e damos a atenção que gostaríamos de receber em situação igual.

Levamos a um local para oferecer um alimento e quando distraímos o "amigo" se aproveita e põe um sonífero na nossa bebida. Ao adormecer, ficamos sem dinheiro, talão de cheque, cartão de crédito, carro, chave e documentos. Dependendo das informações que conseguiram, vão à nossa casa e fazem a limpeza. Na minha cidade, antes de ajudar é preciso desconfiar e ficar de olho vivo. Nunca despreze a sabedoria popular quando afirma que "as aparências enganam."

Golpe igual envolve crianças e jovens nas escolas.

O colega, o professor, o funcionário da lanchonete, podem ser traficantes a serviço de organizações. Põem a droga nos doces ou nos cigarros para viciar e produzir um novo consumidor.

Além desses, há os que quebram vidros dos carros com barra de ferro, ou paralelepípedo, em pleno trânsito, para tirar bolsas de senhoras e o golpe do doente caído na sarjeta que nos assalta quando socorremos. A criatividade não tem limite. Está ficando proibido ser solidário.

Percebem como é difícil viver aqui? Ela dá com a mão direita, mas tira com a esquerda o dobro do que oferece. Dá prazer e dá medo; dá recursos e dá agonia; alegre e adocece; estressa, deprime, enfarta, deixa hipertenso e depois, sem qualquer piedade, mata.

Desculpe, minha encantadora cidade, mas embora a ame, por tudo isso eu a odeio.

Contrastes da minha cidade... !

Sonhos de retirante

Minha cidade teve uma prefeita, professora universitária, que veio do nordeste.

Tão logo foi eleita, prometeu transporte de graça para todos. Não sei por que, já que ninguém deve dar de graça o que tem um custo. Mas ela disse que ofereceria ao seu querido povo este presente. Antes de terminar o mandato, o transporte custava tão caro como nunca o fora antes.

Encontrou obras iniciadas pelo prefeito anterior, um finado ex-presidente, misto de competência e neurose, megalomaniaco e progressista, que prometeu transformar a minha cidade num canteiro de obras. Disse e fez!

Inexperiente, assustada com os compromissos da administração anterior e com medo de não conseguir pagar as altas contas, ela interrompeu os trabalhos em andamento e destruiu o que estava na metade inutilizando as obras totalmente. O dinheiro cobrado da população foi gasto novamente para desmanchar, em troca de nada. Inutilizou a parte que estava pronta. No meio da lagoa, inexperiente, preferiu nadar para trás em vez de seguir em frente.

Logo depois, minha cidade foi arborizada com coqueiros, já que a prefeita queria recordar paisagens do seu estado natal, onde nasceu em terra sertaneja. Nada contra o sentimentalismo ou a fruta. Eu gosto muito de água do coco e de qualquer doce feito com ele. Além disso, vejo no coqueiro uma das mais bonitas árvores. Leve e solta aos ventos. Mas os jardineiros municipais deveriam informá-la que sem magnésio, potássio, sódio e outros sais do mar, a planta não desenvolve. O coqueiro é árvore de solo salgado. A intenção, quem sabe, era usar as calçadas como praias, porque quando chove viram mar as ruas e avenidas da minha cidade. Mas não deu certo. Morreram quase todas as árvores e as que ainda resistem estão mir-

TCHAU, SÃO PAULO

radas e desfalecentes. Podia ter plantado sibipirunas, espató-deas, acácias, ipês e até flamboaiãs. Se preferisse fruteiras, que fossem abacateiros, nespereiras... Coqueiros, jamais!

Na busca da igualdade social e combate ao desemprego, a prefeita entregou a cidade aos ambulantes, marreteiros, contrabandistas e similares. Não criou local próprio. Deixou que se espalhassem pelas ruas pelas passarelas de pedestres, calçadas e praças. Há bairros que são verdadeiros mercados onde se vende carne-seca, farinha, ervas, eletrodomésticos, roupas. Causam inveja ao Ver-O-Peso ou à Feira de Caruaru.

Hoje, com novo prefeito, estão concluídas as obras que ela interrompeu. Os camelôs saíram das ruas e o povo recuperou o direito de andar pela cidade. As barracas saíram da porta das lojas, onde faziam concorrência desleal porque vendiam os mesmos produtos das casas regularmente instaladas, que pagam aluguel, impostos, seguros, registram empregados e têm outras responsabilidades.

A prefeita foi honesta, mas faltou-lhe experiência. Ganhou a eleição porque representava o protesto popular contra tradicionais e rejeitados políticos. Quem sofreu foi o povo que lhe deu o voto.

Castigos da minha cidade... !

Parada Obrigatória

Nosso povo é gente feliz.

Aqui somos protegidos por uma série de pessoas organizações que se preocupam com o nosso bem estar.

Têm os Sindicatos e as Centrais dos Trabalhadores, Sociedades de Defesa do Consumidor, Proteção ao Menor, sem contar com os que se candidatam a vereadores da minha cidade pelo simples desejo de ajudar às pessoas. Temos até a Associação dos Pais Desesperados e a dos Neuróticos Anônimos, além dos AA, Alcoólicos Anônimos e da CVV, Centro de Valorização da Vida.

Os mais velhos andam de graça nos ônibus e os motoristas respeitam. Param e esperam que eles se sentem antes de acelerar o veículo. Amam essas pessoas como se fossem seus velhos pais. É bonito ver essas cenas, tão comuns na minha cidade.

Aqui todo mundo é politizado. Quando uma mulher grávida ou de idade entra num coletivo, as pessoas disputam quem vai dar-lhe o lugar. Todos querem ser gentis ao mesmo tempo. Esta solidariedade é habitual entre as pessoas.

Quando um cego ou um aleijado vai atravessar uma rua, os veículos param ou diminuem para que a pessoa não entre em pânico.

Você deve estar pensando que esta crônica nasceu num primeiro de abril, não é? Acertou. É muito perspicaz!

Prosseguindo nas ironias, somos também exemplo de democracia. Quando os presos não estão contentes nas cadeias, eles tomam como refém um funcionário do presídio, quebra tudo, queimam colchões e exigem carro e armas para fugir. Foram presos porque roubaram carros e portavam armas, mas querem que a polícia lhes devolva tudo isso novamente. Muito democrático!

Aqui as pessoas fazem greve por qualquer motivo e a qualquer hora, especialmente quando se aproximam as eleições. Fazem greve para ganhar mais, para trabalhar menos, para ter melhores condições de trabalho, para repor perdas de dez anos...

Essas greves são muito animadas; têm trio elétrico, "carreata", pagode, "showmício". Os organizadores têm até celular. Entram nas empresas com megafone e pregam dentro das fábricas. Gritam, pulam, vibram. Como dizem os jovens, é tudo um "grande barato".

Tem também a operação tartaruga. É quando eles marcam o ponto, entram, mas não trabalham. De tarde, não vão embora porque estão em "ocupação pacífica", com base nos direitos humanos. Minha cidade é mesmo um exemplo de democracia e aqui funcionam bem os tais direitos humanos. O cardeal primaz é testemunha. Aqui até seqüestrador se beneficia dos direitos humanos.

Mas, nesses dias de greve, há os que preferem trabalhar. Não estão contentes com o serviço, alegam não ganhar o que valem, mas sabem que é melhor um mau salário que nada. Aqui há mais gente do que vagas e quando um sai, têm cinquenta querendo o lugar dele. Os mais previdentes, mesmo estando descontentes, sabem que se está ruim, pode ficar pior. Por isso não fazem greve.

Há indivíduos que organizam os movimentos e que geralmente tiram proveito. Geralmente estão a serviço dos patrões. Os empresários querem reajustar preços e o aumento dos salários serve como desculpa. Atualmente, como está meio estabilizado e a inflação é pequena, os empresários e os sindicalistas já não se entendem como antigamente, quando apenas fingiam que brigavam. Por isso é que todos os carismáticos líderes sindicais se ajeitaram na vida. Tem até um que é candidato crônico à presidente da nação. Era bom negócio. Davam au-

mento de salário de cinqüenta por cento e subiam o preço do produto também em cinqüenta, embora o salário seja apenas parte do custo.

Como prova maior da democracia na minha cidade, os chefes das greves recebem o apoio da mídia falada, escrita e televisada. Nem precisam se preocupar porque os órgãos de comunicação divulgam e organizam o movimento. Parece que é só noticiário, mas não é. Eles põem lenha na fogueira para ter mais assunto. Simples e barato e uma mão lava a outra.

Quando tudo está esquematizado eles convidam um elemento surpresa para garantir o correto funcionamento da insubordinação. Entram em ação os piquetes. E os que já ficaram uma vez sem emprego e insistem em trabalhar, furar a greve, como eles dizem, está perdido. Os outros têm o direito de fazer greve, mas ele não tem o direito de trabalhar. É obrigado a acompanhar os desocupados sob pena de apanhar, ter o carro amassado e outras represálias.

Eu não entendo de greve, embora seja contra por princípio. Ao longo dos meus sessenta e dois anos, me demiti espontaneamente sempre que me senti mal remunerado ou quando fui obrigado a trabalhar em condições que não me agradavam. Claro que os tempos eram outros. Não quero julgar as pessoas, mas penso que todos devem se respeitar. É princípio elementar de direito e dever. Quem quer fazer greve, faça; quem quer trabalhar, trabalhe. Parece-me mais coerente com a democracia que todos insistem em defender.

Interessante é que as greves são feitas pelos que ganham mais e têm os maiores privilégios. Metalúrgicos, químicos, metroviários, petroquímicos. Porque eles têm força. Nunca se verá esses movimentos entre aposentados ou faxineiras. Se esses fizerem greve, morrem de fome e ninguém vai perceber.

Ignorâncias da minha cidade... !

Depósito de gente

Há muitas crianças na minha cidade. Criança rica, criança pobre, criança remediada. Há também criança remendada, porque é um pedaço de cada tipo.

Seja qual for a situação o problema é o mesmo. As crianças são violentadas na minha cidade.

Aquela que se atrever a ir para a escola com tênis bonito, de marca, está expondo a sua vida. Se alguém gostar do seu calçado, é melhor oferecer de presente. Do contrário, pode ter problemas e nunca mais calçar tênis.

Se uma criança que gosta de tênis bonito e não pode comprar for surpreendida tirando o tênis da outra, é mandada para um lugar onde eles dizem que educam e recuperam. O nome é bonito: Febem-Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor. Ali, a intenção é reeducá-la, domesticá-la, oferecer-lhe estudo, lazer e fazer dela uma pessoa de bem. Pelo menos é a proposta!

Na realidade, o local é um almoxarifado de pivetes. Um confinamento. Quando o pequeno infrator chega ali pela primeira vez, sofre. Vira brinquedo, e outras coisas mais, na mão dos maiores. A administração não consegue organizar a vida das crianças e oferecer possibilidade de recuperação. Não aplica métodos que permitam restaurar o delinqüente infantil ou juvenil, deixando-o misturado e confundido em distúrbios sexuais e iniciando nos vícios e no crime os que estão ali apenas porque se apoderaram de uma fruta quando tinham fome.

Nosso comentário não visa a criticar os responsáveis pelo trabalho. Não nos iludimos na suposição de que é fácil resolver o problema. Ele nasce da desorganização das famílias e a chegada da criança à criminalidade é apenas consequência; é colheita de um plantio feito há muito tempo.

Garantimos que o problema é maior do que parece por

que o desajuste não se limita às crianças de rua. O desentendimento e o pouco caso com os filhos está também nos melhores lares, quando analisados sob a ótica dos recursos materiais.

Entre os drogados da minha cidade, vamos encontrar crianças e jovens pelas ruas, maltrapilhos e mal-cheirosos, com seus cachimbos de crack. Mas vamos encontrá-los, igualmente, nas discotecas dos Jardins - os bairros chiques e badalados - onde às portas só se vêem carros de luxo.

Os pais estão ocupados com eles mesmos. Pobres e ricos. É difícil ganhar a vida na minha cidade. O aluguel é caro, a condução, a comida. Por isso muita gente mora em barracos. Mas mesmo os que vivem nos apartamentos, com trancas,seguranças, zonas especiais, com qualidade de vida, tem sérios problemas. Principalmente, controlar o patrimônio para que não desapareça, engrossar a conta bancária, apresentar-se bem na sociedade, ganhar nos juros. Uma escravidão globalizada.

A exemplo do que acontece na Fundação do Menor, onde cada um depende da própria sorte, nos lares há também os abandonados. Têm a companhia das babás, que os levam para tomar sol e brincar no parquinho, da doméstica que arruma a cama e recolhe tudo o que ele deixou jogado pelo chão, da cozinheira que vira nutricionista e decide sobre o cardápio que melhor cuide da saúde dele, do motorista que o leva para a escola. Como consequência, surgem abusos sexuais por parte desses colaboradores do lar. Crianças têm vida sexual precoce ou deturpada devido ao descaso dos pais.

O filho cresce, mas para os pais é um estranho. De menor abandonado, passa a maior desajustado que dribla a solidão a custa do agito, da bebida, da droga e da zoeira para despertar atenção. Os pais estão nas rodas sociais, jogando nos cassinos clandestinos ou nos congressos, nos simpósios, nos seminários, nos jantares da sociabilidade. Alguns, fazendo

“horas extras”, quase nunca em serviço profissional. Estão sempre em algum lugar e com a cabeça voltada para outros interesses. Vão para a casa na hora de dormir, quando o filho geralmente já se deitou, há muito tempo. Sua responsabilidade é abastecer a casa de dinheiro para as despesas e que nada falte aos familiares. Escola, remédio, roupa, comida, tudo do bom e do melhor...

Nas casas da favela, respeitadas as proporções, repete-se a história. Se não é para administrar fortunas que podem facilmente desmoronar, é para conseguir a comida do dia-a-dia. Às quatro da madrugada lá se vão o pai e a mãe. Ele, para a construção civil ou para a fábrica e ela, para o serviço de faxina. Quando voltam são oito da noite. Deixam os filhos enjaulados ou na mão de ninguém. Se houver um de sete anos, vira tutor do de cinco.

Na ânsia de liberdade, e com as facilidades que têm, vão para a rua guardar carros, pedir trocados e se acostumam com um dinheiro que não estão preparados para ter. Nem sabem quanto vale e para que serve e logo estão na perdição dos vícios. Como a imagem da criança sensibiliza os corações, todos lhes damos os centavos, sem perceber o mal que fazemos.

Do vício para a delinqüência é um pulo. Cometido o primeiro crime, acostuma-se à condição de herói, quando se sente como os mocinhos valentes da TV A mídia os expõe como especiais. Estão na vitrine da vida. Mas o fim é sempre triste. É praticamente impossível se livrar desse mal, um caminho geralmente sem volta!

A união entre os que têm e os que nada têm poderia salvar os dois. O favelado precisa de comida e o abastado de atenção. Não é difícil a fusão dos dois interesses. A vida é troca e amor é isso!...

Lamentáveis os depósitos de gente como os que abrigam menores delinqüentes ou abandonados. Triste, igualmente

te, ver pessoas depositadas e em solidão nas luxuosas mansões da minha cidade.

Há um novo mundo se formando e se pode sentir no ar um cheiro de esperança. É hora de dividir para somar, operação matemática que desagrada à ganância, mas que cria espaço para um fraterno abraço coletivo.

Cansado, estou indo embora na esperança de encontrar um pouco de vida. Mas você que é majestosa, minha doce e pujante metrópole, não permita que a impeçam de ser feliz e solidária como sempre foi. Só quem a conhece na intimidade sabe como você é boa. Orgulho-me de ser fruto da sua generosidade.

Labirintos da minha cidade!...

Questão de criatividade

Não se negue que os bandidos são os maiores responsáveis pela modernização!

Por ter as casas assaltadas, as pessoas resolveram viver em apartamentos. Alguns são máquinas de morar, outros, arquivos de gente, mas há também os luxuosos jardins suspensos. É para ter mais segurança, dizem os que preferem esse tipo de residência. Com isso racionalizou-se o espaço. Num terreno onde vivia uma família hoje moram cinquenta ou cem. Lamenta-se apenas que as pessoas não saibam se relacionar educadamente.

Quando havia só dinheiro, os ladrões roubavam dinheiro. Depois nasceu o cheque, cujo talão com vinte unidades o banco vende por três ou quatro reais, o que é absurdo porque não pagam nada pelo dinheiro que deixamos lá. Mas os delinquentes os tiram de nós e revendem aos falsificadores por cinquenta ou cem reais, cada folha!

Devido à insegurança e falsificação do cheque, nasceu o cartão. O cliente deixa de pagar o talão, mas é lesado com a cobrança da anuidade. Os bandidos, na falta de cheques para roubar, seqüestram as pessoas, levam até aos caixas eletrônicos e as obrigam a sacar e revelar a senha. É comum, para simplificar, levarem o caixa inteiro - a máquina - numa caminhonete. Quase trezentos quilos. Recentemente, um vigia assistiu a tudo sem reagir porque só tinha duas balas no revólver.

Não desistimos. Chegaram os computadores e não é preciso mais ir ao banco. O banco vem à nossa casa. Pagamos contas, fazemos transferências e outros serviços do escritório ou da sala de visitas. Para completar criaram também um novo tipo de cartão que você carrega no banco com certa importância e vai pagando as contas nas maquininhas que ficam no comércio. Não usa dinheiro e não tem de deixar o troco no super

mercado que nunca tem moeda.

Temos ou não de agradecer aos ladrões pelo avanço da tecnologia? Pelo menos por enquanto, até que eles decidam que a nossa casa é um carro forte e vale a pena ser assaltada como tal. Ai teremos de inventar outra coisa.

Mas o que eu admiro é a cabeça desses gênios. Fica ligada vinte e quatro horas e a cada dia eles inventam um jeito novo de explorar quem se atreve a ser decente.

Lá pelos idos de 1992, no Rio de Janeiro, houve um episódio que ficou conhecido como arrastão. Os bandidos inventam o crime e a imprensa batiza. É chique!

Um grupo invadiu uma praia e levou tudo o que encontrou em poder dos banhistas que curtiam a manhã de sol. Com armas e paus, criaram pânico. As pessoas assustadas corriam desesperadas. Os bandidos inteligentes da minha cidade não tiveram dúvida, adaptaram.

Como não temos a praia na frente das nossas casas eles raciocinaram que poderiam substituí-la pelo calçadão, pelas ruas, pelas garagens dos edifícios, pelos supermercados. Importaram a tecnologia do Rio de Janeiro e a adaptaram às nossas condições.

Eles são tão criativos, que fazem isso nas ruas , nas avenidas movimentadas, na frente de todo mundo, porque sabem que somos medrosos. Ninguém reage. Eles assaltam com revólver de brinquedo ou com faca de cozinha. Houve um que portava uma torneira por baixo da camisa e quando foi descoberto por um policial pediu clemência, apressando-se a mostrar a original arma do crime. Depois sorriu e foi preso.

A polícia evita enfrentá-los porque se um guarda matar um malfeitor arranja uma grande encrenca. Responde processo e fica difícil explicar que agiu em legítima defesa. Se o policial morrer não tem problema; é mais uma vítima da violenta cidade e será enterrado com honras, coberto com a bandeira da pátria e salvo com tiros.

Quando conseguem prender alguém, levam para a delegacia. Esses distritos se transformaram em presídios e as acomodações para deter por pouco tempo, acabam superlotadas. A autoridade maior, o delegado, transforma-se em carcereiro sentado sobre bomba, pronta para explodir a qualquer momento. Daí as rebeliões que acontecem nessas delegacias de polícia.

Alguns distritos fecham à noite. Abrem das oito às vinte horas, horário comercial. Deixam alguns guardas de plantão. Eis a razão porque de quando em quando o local é invadido e os presos são libertados.

Com medo, o povo compra armas e faz curso de tiro! É para se defender, diz a minha gente. Mas a arma na mão de um trabalhador, chefe de família, é fraca e sentimental. É arma sem convicção porque a mão que a segura não foi feita para matar. Nasceu para acariciar e produzir. Não tem agilidade para a violência. Com o bandido ela é rápida, forte, decidida. Entre ela e a mão que a segura há perfeita sintonia: um casamento. Foi usada tantas vezes que está domesticada. Arma e bicho complementam-se.

O que nos consola é que ao voltar para a casa depois de um dia laborioso podemos olhar para a mulher e os filhos de cabeça erguida. Oferecemos a eles o fruto abençoado do esforço próprio que, quando é pouco, multiplica-se; quando falta ressurge do nada; quando é roubado, reaparece na hora certa.

O dinheiro que o bandido consegue, escapa-lhe pelos dedos. Nega-se a ganhar salário mínimo pelo trabalho sacrificador, mas não observa que as fortunas que consegue nos roubos a bancos, carros fortes, nas drogas, nunca lhe permitem parar de matar. O dinheiro desaparece como veio, porque é amaldiçoado. Se eles compreendessem, não viveriam em pânico e em sobressalto. Não são apenas os homens de bem que sofrem. Os bandidos também não têm sossego. Suas men-

OCTÁVIO CAÚMO SERRANO

tes não conseguem tranquilizar-se e eles não podem ser felizes. O negro fantasma da consciência pesada os atormenta e seus sonhos são sempre pesadelos. Mesmo que consigam escapar da justiça, já estão condenados pela vida.

As leis na minha cidade!

Problemas de desocupados

Na minha cidade as pessoas são muito caprichosas. Pintam sempre suas casas, plantam árvores na calçada e deixam sempre tudo agradável e bonito. Afinal, há que zelar pelo patrimônio que é sempre conquistado com sacrifício.

Quanto às árvores, elas exageram um pouco. Plantam do lado que não é permitido, criando problemas para a fiação dos telefones e da energia elétrica. Agora tem até outros fios porque a TV está chegando pelo sistema a cabo.

Mas apesar dos inconvenientes desse plantio irregular, a minha cidade fica enfeitada e as árvores melhoram o ar, um dos seus grandes problemas.

Num contraste, alguns jovens desocupados e mal educados sentem prazer em sujar as casas. Mal o dono pinta, vem um desses pirralhos e faz desenhos esquisitos. Eles se dizem "grafiteiros", mas na verdade são imbecis, analfabetos e garanchosos.

São conhecidos como pichadores. Frustrados, com complexo de superioridade, não percebem que só exibem a sua pequenez. Rabiscam letras ininteligíveis e desenhos de péssimo gosto. A sua grande glória é sujar mais alto do que o outro, numa competição para ver quem é o idiota em grau maior e quem consegue levar ao mais alto a própria ignorância.

Depois que eles emporcalham tudo, jogam para dentro das casas as embalagens vazias e os pincéis sujos.

Caíam onde cair, porque o importante é agredir. Zoar, é o termo que eles usam.

Esses meninos vazios, frustrados e mal amados já sujarão até o nosso bonito Teatro Municipal. Isso não é tudo. Foram pichar o Cristo Redentor no Rio de Janeiro. Cada um quer ser mais fútil do que o outro. É acirrada competição, na conquista do troféu da mediocridade.

Alguém já propôs dar-lhes uma surra. Pintá-los de cima em baixo, nas partes pudicas, de um lado e de outro. Mas até isso perdeu o sentido. Agora eles estão fazendo tatuagens e desenhando uma porção de bobagens pelo corpo inteiro. Da face ao dedão do pé. Faz mal à saúde e mais tarde, talvez, quando tiverem bom senso, os desenhos vão aborrecê-los. É algo de péssimo gosto, mas quem não tem caráter procura esconder-se sob máscaras. Esse disfarce os deixa camuflados. Na ausência da qualidade, sobressai pelo ridículo.

Na verdade não é fácil admitir que esses moleques possam vir a ter juízo algum dia. São interiormente ociosos. São como aqueles que quebram vidros das escolas, onde estudam, ou destroem telefones públicos que servem para chamar o médico e socorrer a mãe deles.

Um dia um menino desses leva um tiro, e o coitado que disparou estará perdido. Mas que é duro de agüentar, lá isso é.

Moleques da minha cidade!

Campanhas

É uma beleza a solidariedade que há na minha cidade. Basta abrir a boca e a ajuda chega. Estou falando sério!

Há casos de pessoas que precisam de tratamentos especializados que não existem no Brasil. Têm de buscar no exterior os médicos e os hospitais aptos a livrá-las da doença. Mas o custo é muito alto.

A solução é abrir conta bancária e pedir ao povo que ofereça a sua generosidade. Rapidamente, o dinheiro chega e a pessoa pode viajar. Não sei por que tem de pagar do próprio bolso. Se ele contribui para a Previdência Social, a despesa deveria ser da responsabilidade do governo.

Quando entramos num convênio médico, desses mandros que há em quantidade, eles fazem um contrato explicando os nossos direitos. É certo que não explicam corretamente porque fazem umas letrinhas que não se consegue ler nem com lupa. Nessas cláusulas está o pulo do gato. Cinco dias no máximo de UTI, AIDS não cobre, prótese também não!... Temos de pensar bem antes de ficar doentes e tratar de verificar que enfermidades podemos ter. Se insistirmos em ter doenças sofisticadas, daquelas que o convênio não gosta, o problema é nosso.

O contrato é também desonesto porque enquanto você é jovem, e corre menos risco de adoecer, eles cobram mais barato. Quando você fica velho, meu amigo, dobra e triplica o valor da mensalidade. Mesmo que você seja associado há trinta anos e nunca tenha usado, eles não querem nem saber. Você vai pagar o mesmo que uma pessoa que contrate o convênio depois dos setenta anos. O que eles ganharam com você durante tantos anos, esqueça. Agora começa de novo e você passou a ser um associado de risco. Isso quando não mandam uma carta simplesmente cancelando o contrato. Mostram uma cláusula

sula que você nem sabia que tinha aceitado e provam que estão certos. Não adianta chorar ou recorrer porque vai perder tempo e dinheiro. Lei é lei. Assinou está assinado.

Mas embora toda a desonestidade desses falsos prestadores de utilidade pública, agiotas da saúde, eles pelo menos fazem um contrato. A Previdência não. Quando exige que você pague a sua parte não informam o que vão lhe oferecer em troca.

Eles descontam do seu salário uma porcentagem e a empresa paga um valor ainda maior. Não perguntam, se quer pagar. Tem de pagar. Porém, quando você precisa do tratamento, eles dizem que tal doença não está coberta e se você ficou louco, psicótico, é problema que você deve resolver. Se for urticária, bicho de pé, unha encravada, dor nas cadeiras, espinhela caída, ou outras de igual gravidade, os médicos especialistas do notável instituto lhe prestarão toda a assistência. Mas se for dessas doenças que só dão em gente metida, vire-se. Ninguém mandou querer ser tão esnobe.

Vá para os Estados Unidos e boa viagem! Mas às suas custas. A Previdência foi inventada para arrecadar, não para gastar, certo?

Safadezas da minha cidade!

Seguros

Nem pense em ter alguma coisa na minha cidade sem que esteja segurada. Melhor ter menos bens e gastar um pouco para garantir o que tem do que correr o risco e ficar sem nada.

Eu contrato seguro para tudo. Até meia e cueca estão garantidas. E depois que eu passei a experiência contada no início deste livro, nem passa pela minha cabeça viver sem ele. Tenho seguro do carro, do escritório, da casa e conteúdos.

Recentemente, uma criança, a julgar pelas digitais, quebrou um vidro no meu escritório e entrou para tirar um vídeo e uma velha calculadora. Havia computadores, fax, TV, mas ela não conseguiu carregar. Chegou a desligar alguns, mas não levou.

Como de praxe, fizemos um boletim de ocorrência na delegacia do bairro. Posteriormente, nos informaram, iria ser enviada a perícia para levantar impressões e ouvir detalhes sobre o roubo.

Dia seguinte lá estavam dois simpáticos especialistas. Um senhor e uma jovem senhora. Conversamos, respondemos perguntas e, como não podia faltar, falamos sobre a situação da minha cidade. Violência descontrolada e poderes públicos impotentes para combater a marginalidade.

Ao se despedir, ambos disseram que a polícia tudo faria para localizar os bens subtraídos, mas que as perspectivas eram, como de hábito, remotas. O passo seguinte foi contatar a companhia de seguros e informar sobre o prejuízo. Por volta de seiscentos reais. Gostaríamos de ser reembolsados, porque é nessas horas que vale a pena o gasto com seguros.

Como somos bons clientes da companhia e temos muitos outros seguros, das mais variadas modalidades, ficaram de estudar se liberariam ou mandariam um inspetor para verificar

detalhes no local.

Autorizados, trocamos o vidro e ficamos aguardando notícias da seguradora.

Passados alguns dias, apresenta-se um engenheiro, inspetor da seguradora, e deixa uma lista de documentos que deveríamos providenciar. Preliminarmente, o contrato social da empresa, todas as alterações, laudo da polícia técnica e cotações atualizadas - no mínimo três - para os aparelhos roubados.

Surpresos com a burocracia para um prejuízo de apenas seiscentos reais, quando as mercadorias seguradas ultrapassavam os dez mil só naquela apólice, tivemos outro dissabor. Como ninguém lê contratos nem cláusulas de apólices, acabamos por verificar que havia uma franquia de quatrocentos reais. Isto significa, que teríamos todo aquele trabalho para receber do seguro uma indenização de duzentos reais.

Pareceu-nos verdadeiro "conto do seguro", que se soma aos tantos outros contos, como o do convênio médico, dos clubes de campo, dos telefones, etc.

Não estou reclamando, porque estava tudo muito bem escrito. E desta vez não era com letrinhas miúdas. Nem posso dizer que não dava para enxergar. Mas o que aborrece é justamente existir este tipo de negócio, com preços altos e vantagem sempre para a parte mais forte. Por que uma franquia se eu não fui conivente com os ladrões, nem deixei a porta aberta, nem facilitei nada? Eles cortaram tela, quebraram vidro, destravaram a janela. Além disso, tenho guarda no local, embora nada tivesse percebido.

No caso do seguro de automóvel, embora não seja regra, há alguma lógica na franquia porque isto me obriga a dirigir com cuidado. Ficam por minha conta as despesas com pequenos reparos. Mas em se tratando de móveis ou imóveis, é absurdo.

Não é preciso dizer que desisti de receber os meus du-

zentos reais. A companhia deve ter gostado, mas o que ela ganhou mesmo foi um propagandista contra essa oportunista atividade, embora não se possa dispensá-la, ainda. As seguradoras agradecem à marginalidade e o tipo de vida que existe por aqui, pois nisso reside o sucesso de seu crescente faturamento.

Como a corda rebenta sempre do lado mais fraco, vou-me embora para um lugar de menos riscos, onde os gastos com garantias serão reduzidos, porque as taxas onde eu vou são mais baixas. A violência por lá é menor e deverá demorar ainda algum tempo para se igualar ao que temos por aqui.

Eu não posso lutar contra um esquema poderoso que privilegia os monopólios. Mas posso dar o meu repúdio silencioso não prestigiando esses tipos de atividades importantes e necessárias, mas que são exercidas de maneira fraudulenta. Enganam os de boa fé e só pensam nas vantagens pessoais.

Burlas da minha cidade!

Reage, meu povo

Na minha cidade há um movimento criado por pessoas que tiveram conhecidos ou parentes vitimados pela violência.

Alguns foram seqüestrados, outros assassinados. Uns foram alvo das balas perdidas, dos bandidos ou dos policiais, e outros morreram ao se defender na hora do assalto.

Para deixar registrado o repúdio da sociedade, pais, filhos, cônjuges e amigos se unem em passeatas, carregam faixas com reclamações e pedem providências aos responsáveis.

Dá pena ver essas pessoas que acreditam ser possível realizar algo com esse protesto. Os homens aos quais compete fazer alguma coisa, não têm o menor interesse e só vão tomar providências quando alguém da família deles passar pelas mesmas provações.

Estamos indefesos. Presos nas nossas casas cheias de grades, cadeados, seguros, alarmes, o que não nos dá qualquer garantia. Solto pelas ruas, gozando do direito de liberdade e de movimentar-se à vontade está o marginal, acobertado sob os direitos humanos e tratado como vítima da miséria. É, para os que combatem as desigualdades sociais, o coitadinho.

Por que as autoridades brasileiras não têm a coragem de reformar os códigos que disciplinam a vida da sociedade? Por que tanta covardia e tanta omissão?

Aos participantes do movimento Reage, São Paulo, meus cumprimentos porque estão exercendo um dever cívico em nome do bem, da verdade e da coragem. Pena que nada representem diante das forças que insistem em se omitir embora competisse a elas as reais providências para mudar esse estado de coisas.

Durante os movimentos populares muitos se beneficiaram. Os que vendem faixas, apitos, bandeirolas. É, infelizmente, mais um "oba-oba" da minha cidade, sem resultado prático.

Reage, São Paulo, mas não contra os bandidos, porque

TCHAU, SÃO PAULO

contra eles não somos nós que temos de reagir. Reage, São Paulo, contra as acomodadas, irresponsáveis e incompetentes autoridades que só se lembram de nós, quando precisam cobrar o imposto ou pedir o voto. Reage, São Paulo, contra o político desonesto e o policial corrupto.

Maus exemplos da minha cidade!

Velho conto do vigário

Na minha cidade existe uma série de malandragens, umas legalizadas outras não, mas todas revestidas da mesma esperteza.

Existe por aqui uma companhia que explora o sistema de telefonia. Esse negócio anda ruim por estas bandas. Eles mudam, alteram os números, mas os problemas são os mesmos. Aliás, os mesmos, não. Para falar você tem de discar cada vez mais algarismos, gasta o dedo, perde tempo e não fala.

Agora infectaram a minha cidade com o modernismo do telefone celular, prático, porém mal educado.

A maioria dos que moram na minha cidade vive arrumando um jeito de aparecer. Em vez de pendurar uma jaca no pescoço ou niquelar a orelha, eles saem falando no celular em voz alta, no restaurante, na rua, no consultório médico, no teatro, onde quer que estejam. Pensam estar na casa deles e exibem-se para todo mundo ver!

Há também os que usam essa maquininha de fazer doido enquanto dirigem seus carros. É proibido, mas eles não querem nem saber. Eles não têm habilidade nem com as duas mãos, quanto mais com uma. Com isso, desconcentram-se e acabam batendo, porque não sabem cuidar de duas tartarugas a um só tempo.

Mas o que eu estava falando no início era dos espertos que há na minha cidade. E entre eles está essa tal empresa que cuida da instalação e funcionamento dos telefones que eles emprestam para que os usemos.

Eles abrem um concurso chamado plano de expansão. Convidam muitas pessoas para pagar um telefone que vai ser instalado sabe Deus quando, se for, e usam esse dinheiro para concluir linhas que venderam há muito tempo e não entregaram. Vão contemplar os doidos que se arriscaram a pagar um

telefone num passado distante. O pior é que quando eles instalam o nosso telefone nós festejamos, ficamos contentes e agradecemos. Nem percebemos que é um direito e não deveríamos pagar nada. Aliás, a linha nem é nossa. Agora apareceu um ministro peso-pesado que prometeu transformar tudo em primeiro mundo. Telefone de graça. Tomara que não seja como aquela prefeita que ofereceu condução, mas no fim deu no que deu!

Penso que essa companhia se inspirou na citação evangélica: "Muitos serão os chamados, mas poucos - pouquíssimos - os escolhidos." Não podemos reclamar. Eles são honestos. Avisam logo de início: paga, mas não leva.

E vão rolando as contas e enrolando a gente. Um plano aqui, outro ali, um hoje, outro mês que vem e salve a companhia dos telefones. Trabalham com nosso dinheiro, mas não pagam juros; ao contrário, nós é que pagamos se quisermos fazer prestação. É o mesmo rola-rola da dívida externa.

Vigaristas da minha cidade!

Manchetes

No trajeto para o trabalho ligo o rádio para saber quais são as novidades da minha cidade. E olhe que elas estão ali em quantidade, mal o dia desperta.

Aperto a primeira memória, e lá vêm as notícias: "Mais uma rebelião numa delegacia de bairro. Devido ao calor, o desconforto aumentou e os presos atearam fogo nos colchões. Destruíram tudo."

"Menino seqüestrado por vingança, que teria conseguido se libertar dos raptos depois de quase três anos de cativeiro, mentiu quando dizia que foi seqüestrado, que apanhava e que recebia maus tratos. Dois homens foram surrados e torturados na delegacia, embora fossem inocentes. As autoridades pedem desculpas."

"Bandidos assaltam mais um banco. Mandam os clientes deitar no chão e tiram as armas dos seguradoras. Mais de cem assaltos já ocorreram só neste ano."

"Advogada é interpelada por marginais em frente à casa dela. Levaram-na em seu carro e exigiram cartões de crédito. Como ela não os tivesse, levou muitas coronhadas e depois cinco tiros. Por sorte não morreu."

"Comerciante, em pleno centro velho da minha cidade, foi morto por dois garotos porque se negou a entregar-lhes a sua pasta com documentos."

O rádio do meu carro é de ótima tecnologia, mas as notícias que ele dá, faça-me o favor! São de uma podridão insuportável.

Vou tentar a outra memória. Ainda em AM, ondas longas, só com notícias locais. Nessa faixa existem mais de vinte emissoras.

E na segunda memória, não muda nada: "Previsão do tempo: onda fria que vem da Argentina traz chuva e queda de

temperatura." Mais uma!

"A justiça está apurando as denúncias de corrupção no Banco Central, no Banespa, em Alagoas, em Santa Catarina e no Congresso Nacional." São apenas algumas.

"O atual presidente quer aproveitar a onda de popularidade para forçar a aprovação da emenda da reelegibilidade, que o favoreceria já nas próximas eleições. "Como eles nos manipulam ...

"O Rio de Janeiro quer ser a sede dos próximos jogos olímpicos e promete que a cidade terá toda segurança para a garantia do evento." Por que não tem, sem os eventos?

"O Fluminense do Rio foi rebaixado no campeonato brasileiro, mas alega que não pode cair em razão de suas tradições." Tradições! Quem vive de passado é museu, amigos tricolores.

"O deputado que importou a maconha, quer agora incrementar o nudismo." Pobre câmara, quem abrigas...

Desisti da AM e lá me mandei para a FM porque tem mais música do que notícias. Músicas?

Vocês não imaginam o que se toca nas FMs da minha cidade. Quando não é gritaria é palavrão. Ou então uma enxurrada de músicas em línguas que ninguém entende, mas que todos cantam. As pessoas repetem, mas não sabem o que estão falando. Se soubessem seriam os primeiros da classe nessas línguas.

Outra coisa que toca muito nas FMs da minha cidade é o tal do Tchan. Começou com o "Segura o Tchan", depois veio a "Dança da Garrafa", a "Dança do Bum-Bum" e outras obscenidades, que as pessoas dizem que é sensual. É boçal, não sensual. É a dança da mediocridade. Romantismo, onde você se escondeu?

Uma série de grupos, todos vestidos desengonçadamente, cantando uma porção de músicas iguais, que só mudam

as letras. E o público adora. É alucinógeno e provoca histeria coletiva. Serve para esquecer problemas e responsabilidades. É tudo um grande barato!

Mas além dessas bobagens, algo grave e que está proliferando na minha cidade são as rádios chamadas piratas. Elas não têm concessão para funcionar, são de pequeno alcance e geralmente se instalam em fundo de quintal para dar notícias da redondeza.

Além da ilegalidade, essas pessoas estão interferindo na frequência dos aparelhos que controlam os aeroportos, causando transtornos aos pilotos que ficam sem orientação para pousar. Interferem, também, no rádio das viaturas policiais, que se confundem na perseguição aos bandidos.

O curioso é que apesar de ter sofisticada aparelhagem para grampear telefones, ouvir conversas a longas distâncias, enxergar no escuro, etc., as autoridades não conseguem descobrir onde está essa pirataria. Lamentável!

Acontece com essas rádios o mesmo que se dá com os ônibus chamados clandestinos, mas que estão aí para quem quiser ver, pintados até de amarelo-gema e escarlate.

Esses ônibus começaram com o transporte de pessoas da periferia para o centro e hoje já são intermunicipais e interestaduais. Vão para o nordeste, norte, sul, passam pelas barreiras, pelo policiamento rodoviário e ninguém vê. Eta clandestino da moléstia! Mais ainda, parece que eles se desmaterializam na estrada e voltam a criar forma, quando chegam no destino. Ninguém os vê passar. Parece ônibus fantasma. Coisa de ET !

Mas será que as pessoas não se servem desses ônibus devido à falta de condução oficial boa, regular e barata? Não fora isso, esses veículos trafegariam vazios e não dariam lucro. Pode ser, não pode?

Mas continuemos com as notícias.

Desliguei o rádio, porque hoje não dá. Em casa, à noite, quem sabe a TV ou o jornal tenham notícias mais animadoras e que ensinem algo.

Na TV, que só tinha notícias de mundo cão, com ações policiais cinematográficas, temos agora o jornal da minha cidade que noticia tudo o que está acontecendo. Só noticia, porque ninguém toma medidas para mudar nada. É para encher linguiça e passar o tempo. Só para ouvir e sofrer. Agrides nossos ouvidos e nossos sentimentos.

Confira comigo: "Duzentos quilômetros de congestionamento devido às chuvas que alagaram as marginais." E daí? Que providências vão ser tomadas?

"Prefeito diz que a culpa das enchentes é da população, porque a Prefeitura não joga lixo nos bueiros." Pode ser da população, mas minha não é, porque eu também não jogo lixo na rua. Nem um papel de bala ou um palito de fósforo. Sequer cuspo na rua!

"O trânsito está moroso, devido ao excesso de veículos." Que descoberta genial! Se não houvesse veículos não haveria congestionamento. Nem trânsito.

É, a TV também não vai dar. Desligo a droga e começo a folhear o jornal.

"Deputado mostra fax de portaria que o governador de Alagoas queria baixar com data retroativa."

"Governo admite a possibilidade de isentar do CPMF o capital estrangeiro."

"STF condena privilégio de parlamentar."

"Polícia francesa nada fez, mas sabia de ação de terror".

"Sem remédio, nove crianças morrem em Mato Grosso do Sul."

É, o jornal também não vai dar. Melhor não saber dessas coisas porque nos entristecem, ficamos revoltados e adoe-

ceмос. E é daqui para pior, porque não vemos atitudes no sentido de alterar esse lamentável estado de coisas.

Enquanto isso, o que se vê. A mídia cada dia mais rica, as Tvs na guerra para contratar artistas da concorrente e o pagamento de fortunas para ter exclusividade em eventos.

Por falar nessa história de tirar artistas das concorrentes, tem gente contratando tudo, que logo não haverá espaço para tanto artista trabalhar. Parece que a idéia é minar a resistência do inimigo, mais do que melhorar o próprio padrão. Muitos dos felizes contratados vão permanecer no freezer por muito tempo. Mas eles nem percebem.

Não creio que no lugar para onde estou indo, as notícias sejam melhores. Mas, pelo menos, não serão no volume que há na minha cidade, onde todo mundo vê, ouve, lamenta, mas ninguém faz nada.

Arrivedérci, minha cidade!

Chumbo trocado

Nos bairros centrais ou residenciais nobres da minha cidade não há lugar para mais nada.

Conseqüentemente, as pessoas reformavam suas casas, limpavam seus jardins e jogavam tudo na calçada. Deixavam por conta do vento e da chuva a limpeza do passeio. Mas como a Prefeitura decidiu multar, agora eles contratam indivíduos que andam com um carrinho de coletar utilidades recicláveis, os velhos garrafeiros e metaleiros do meu tempo de infância, para que tirem da porta da sua casa e joguem na primeira esquina, na porta do outro. É como colocar o lixo varrido debaixo do tapete.

As calçadas viraram depósito de sujeira e por quaisquer cinco reais o serviço é de primeira. Quebra galho barato e o problema está resolvido. É como atirar restos de dentro dos carros.

O que as pessoas não sabem, é que os ratos e as baratas que vão proliferar naquela sujeira que era sua, e que foi transferida para um lugar qualquer, irão visitá-las porque eles não têm endereço certo, nem respeitam mãos e contramãos. Quem se limpa sujando o outro fica um pouco sujo e acaba atraindo mais sujeira.

Outro aspecto do problema é que chumbo trocado não dói. Enquanto limpamos as nossas casas e aborrecemos o vizinho, outros fazem o mesmo, nos aborrecendo. Direitos iguais.

Há alguns recursos para solucionar o problema, como caçambas alugadas. Acontece que as pessoas são muito econômicas e nem pensam em gastar com supérfluos. Se com cinco reais fazem o serviço, por que desperdiçar mais de trinta com o aluguel desses depósitos.

O lixo que cada um gera é propriedade sua. Não transfere. Nem mesmo quando põe na porta da casa e o lixeiro re-

move. A poluição, a fumaça do incinerador, o bueiro entupido, as doenças que proliferam na sujeira e na promiscuidade, são todos conseqüências do lixo nosso de cada dia. Atingem a todos.

O excremento dos nossos sanitários, do qual temos a impressão de nos livrar, quando acionamos a descarga e o mandamos para o esgoto, volta à nossa casa na água que bebemos, no ar que respiramos ou nas doenças endêmicas e epidêmicas.

Se essa poluição nós não podemos evitar, o lixo urbano pode ser melhor cuidado se cada um tomar individualmente pequenas providências. Um saco bem amarrado, o recolhimento do lixo que está se espalhando, a varredura da calçada e não a transferência com o esguicho que parece lavar, mas que só atira para longe, são algumas soluções. O lixeiro faz o que lhe compete mas sem a ajuda do cidadão fica tudo muito difícil.

Se todos cuidarmos da saúde do conjunto a coletividade terá saúde. A minha cidade espera que cada um faça a sua parte e não espere muito dos governantes porque os recursos são poucos. E, além disso, o importante para eles é ganhar eleição. Obras que não dão votos, não interessam.

Voluntários da minha cidade!

É tudo complicado

Quando chega dezembro na minha cidade, as famílias ficam alvoroçadas: É hora de matricular filho na escola.

Neste nosso país fala-se das crianças sempre com muita emoção. Criança esperança; criança de hoje, homem de amanhã. Criança melhor, mundo melhor. Unicef ajudando a criança! É comovente! Chega a provocar calafrios!...

Falam dos estatutos da criança, que todas têm direito à vida, à comida, à moradia, à instrução. Mas, de fato, elas não têm nada.

O que acontece com a polícia estadual, que cuida do município, e do metrô que é também do Estado, mas circula só na zona urbana da capital, com o ensino e a saúde ocorre o mesmo. Escolas estaduais brigando com escolas municipais. Quem dá mais, quem é mais eficiente, quem é mais organizado e quem paga melhor. Essa é uma competição à parte, além de todas as competições políticas que em vez de aproximar afastam cada vez mais o prefeito do governador e do presidente. São concorrentes, quando deveriam dar-se as mãos. E quem sofre com a vaidade deles é o povo.

Na hora de matricular filho na escola a mãe tem de levantar de madrugada para pegar lugar na fila. Tem de pedir à diretoria que, por caridade, arranje vaga para a sua criança estudar. Pensam que eu estou brincando? Perguntem a qualquer mãe que tenha filho nessa idade e confirmam, se este absurdo não é comum na minha cidade. E a distribuição, então. O fato de você morar na zona sul não impede que a criança tenha de estudar na zona norte. Agora eles querem fazer seleção por faixa etária. Dois irmãos com idades diferentes vão estudar em escolas diferentes. A mãe tem de buscar um e depois o outro.

Mãe que põe filho em escola pública é, geralmente, mãe pobre e não tem carro. Se os dois filhos saem no mesmo

horário, alguém vai ter de esperar até que ela se desloque. Se estudam em horários diferentes, a mãe nem pense em ter um emprego porque terá de baldear filho o dia inteiro. E se deixar que ele vá sozinho para a casa, o bandido o mata no caminho. É por isso que tem pai que não quer filho na escola. Além de ser útil como mão de obra para reforço do ganha-pão, evita despesas e perda de tempo. Afinal, basta comparar a cultura dos craques do nosso rico futebol, das meninas dos rebolados e tantos outros astros e estrelas, com o salário que ganham, para concluir-se que estudar no Brasil é realmente uma grande besteira. Mas, apesar disso, há os que têm vocação para a cultura, independentemente do ganho material. E esses sofrem.

Recentemente, um jornal mostrou um estudo da Universidade de São Paulo dando conta que 44,1% das crianças entre 4 e 6 anos ficariam fora da escola pública naquele ano - 1996 -.

Sabem quando isto vai mudar? Quando forem registradas em cartório, as promessas que os candidatos fazem durante as campanhas e eles forem processados por propaganda enganosa, falsidade, mentira, burla, ficarem inelegíveis ou sofram qualquer outra sanção que o judiciário sempre encontra, quando se trata de apenas ladrões de galinha. Eles não serão levianos e falarão somente do que podem realmente fazer.

As pessoas pagam impostos, para que o dinheiro retome em benefício da população. Eles recebem quantias escorchantes, determinadas por leis leoninas e arbitrárias, mencionando nos textos onde serão aplicadas. Mas tudo é desviado.

Se as leis fossem justas, quando o nosso carro é danificado por uma irregularidade das ruas ou das estradas, deveríamos ser indenizados pelos poderes responsáveis. Quando o estofamento do nosso veículo fica inutilizado porque ele ficou imerso na inundação, deveríamos ter nossos prejuízos ressarcidos. Se as nossas crianças ficam fora da escola, deveríamos

matriculá-las na rede particular e mandar a conta para o Estado. Mas não adianta. Vamos perder a ação.

Como são eles que fazem as leis, sempre têm prioridade. Se um doutor vai preso, tem cela especial, com TV, celular, etc., etc. O marginal comum, vai para um chiqueiro. Mas, se bem observarmos, quem tem instrução e recursos, e ainda assim é um infrator, é mais bandido do que o analfabeto.

As notícias dão conta que faltam escolas porque as verbas para a educação foram reduzidas o que resultou em sujeira e falta de segurança. Acontece, que parte das verbas que deveriam ser destinadas à educação são aplicadas na segurança das escolas, mas nem assim temos garantias. Os marginais quebram vidros, invadem e roubam as merendas, vendem drogas nos pátios, tiram os tênis dos alunos e os agredem, embora paguemos imposto para ter segurança.

Igualmente grave, é o que se paga a um professor na escola pública para que oriente nossos filhos. Ele não pode ter interesse em ensinar coisa alguma, porque ganha um terço do que recebe uma doméstica para fazer faxina, passar roupa ou cuidar de um bebê. Se durante a aula, a professora ou o professor se lembrarem de quanto ganham, param de ensinar na hora. Mandam todo mundo para o inferno, a começar pela criança, passando pelos pais e chegando às autoridades responsáveis.

O que salva os nossos filhos é que há corações generosos e que são mais missionários do que funcionários. A alegria com que fazem a sua tarefa lhes abre uma vaga no céu. Não trabalham pelo salário; o fazem pelo ideal e conseguem vibrar quando ficam frente a um aluno aplicado, interessado, o que faz florescer o ânimo dos mestres. Mesmo assim, muitos estão cansados e quando podem fogem para a rede particular. Esta cobra o que quer e por isso paga melhor. Atualmente, há 740 escolas públicas, com 31.820 profissionais para ensinar 815 mil alunos (Deu nos jornais).

Será que nenhum político estudou em escola do governo? Será que nenhum tem empregada cujos filhos precisem estudar. Talvez eles nem conheçam essas pessoas. Apenas desfrutam o bem estar que elas lhes proporcionam. Nunca tiveram tempo para ouvir a queixa de um serviçal, mais um anônimo nessa porção de ninguém vulgarmente conhecida como povo.

Verdugos da minha cidade!

Eternamente enganados

Somos enganados desde o nascimento até a morte. A primeira mentira, é que viemos no bico da cegonha.

Mais tarde, quando já começamos a perceber a barriga de uma grávida, nos dizem que ali foi colocada uma semente que está se transformando numa criança. Dizem como entra, mas não dizem como sai. A desculpa é que somos ainda pequenos para entender certas coisas.

Os anos passam e queremos brincar. Vem o coelhinho da Páscoa com o chocolate e o Papai Noel com os brinquedos do Natal. Ficamos sem saber para que serve o nosso pai, já que ele não faz nada. Nem tem tempo para conversar com a gente. A cegonha, o coelhinho e o Papai Noel é que são importantes.

Chega o dia de ir para a escola. Fizemos quatro anos - isso mesmo, quatro - e nos matriculam no Jardim da Infância. Dizem que é para aprendermos a nos relacionar e nos adaptar ao convívio social. Mentira, é porque a mãe quer sossego, descanso, passear no Shopping. Mas eles pensam que acreditamos que ir para a escola bem pequeno é bom para nós.

Quando já temos alguma compreensão, lá pelos dez anos, eles tentam nos convencer que somos uma família. Mas o pai não nos dá atenção porque está empenhado em ganhar mais, trocar de carro, de casa. A mãe vai trabalhar, também, porque quer comprar geladeira mais moderna, televisão maior e móveis novos para a sala. Quem cuida de nós são as empregadas e os motoristas. São eles os nossos amigos e educadores, porque quando o pai e a mãe chegam, nós já estamos dormindo.

A mentira seguinte que eles nos contam, é que estudar vale a pena e, se nos formarmos, teremos bons empregos e estabilidade na vida. Não temos de nos iludir com os jogadores de futebol nem com as mulheres que tiram a roupa e rebolam

para ganhar dinheiro e fama.

Acreditamos e nos preparamos para a faculdade. "Queremos que todos estudem", diz o governo com altivez patriótica. Povo culto é povo feliz. E nos enganam dizendo que na minha cidade tem escola para todos. Na hora H, os "filhos de papai" entram na faculdade e os pobres choram de tristeza. Não é apenas por protecionismo. É que pobre não tem dinheiro para cursinho e boa alimentação, fator importante para se ter boa memória.

Mas mesmo com o diploma de técnico, vamos nos aranjando, embora, do salário, eles descontem imposto de renda, contribuição para a aposentadoria, imposto sindical. Dizem que é para garantir nosso futuro e, quando formos velhos, ter tranqüilidade. O que

ganharemos de aposentadoria será suficiente para viver bem. Pensamos que é verdade e aceitamos tudo o que eles dizem.

Enquanto afundamos no lamaçal da vida, pagamos, pagamos, e eles mentem dizendo que tudo será reinvestido em benefício da própria comunidade.

O imposto de renda na fonte, sobre salários de mil e poucos reais, é um acinte. Que renda? E ainda recolhemos CPMF para usar o dinheiro que é nosso, que eles dizem que é renda. Pagamos IPTU para morar na casa que construímos às nossas custas. Se cairmos na tentação de buscar financiamento em bancos oficiais, Caixa Econômica, por exemplo, nunca pagaremos. A matemática deles ninguém entende. Mas é preciso paciência, porque no fim compensará.

Para resistir, buscamos uma religião. Nela encontramos novas e urdidadas mentiras. Pague dízimo, para que a igreja, o templo, as casas dos pastores e dos ministros, possam ser ampliadas e mais bem decoradas. Se não pagar, Deus vai excomungá-lo. Se for empresário, quando mais você der mais Deus

aumentará o faturamento da sua firma. Não acredita em mim? Juro que eles dizem que é assim que funciona.

Compre produtos sacros: CDs bentos, fitas, imagens. Presenteiem Jesus. Aceitam cheque pré-datado, cartões de crédito, vale refeição. Nas religiões há homens muito vaidosos que fazem dos seus cargos um status. O fiel é mero contribuinte e quanto mais desesperado melhor. Será presa mais fácil e ficará por mais tempo antes de perceber que está sendo enganado. Mentiras, mentiras, mentiras...

Mas nossas forças diminuem e começa a via-crúcis da aposentadoria. Embora paguemos todos os meses ao Instituto, que registra tudo nos computadores, nós é que temos de levar as provas do que pagamos. Comprovantes de empresas que faliram e nem sabemos se seus donos ainda vivem. Eles complicam para retardar o exercício de nossos direitos. Finalmente, depois de pagar sobre muitos salários, só receberemos alguns poucos.

Diante de mais essa mentira, depois de aposentados vamos ter de continuar trabalhando. Se não somarmos os dois ganhos não dá para sobreviver.

Mas as mentiras não ficam por aí.

Garantem que se não quisermos parar de trabalhar, deixarmos a aposentadoria para mais alguns cinco anos à frente, eles nos oferecerão vantagens. Uns cinco por cento a mais. Mentira. Eles querem é adiar o problema, para que morramos, sem precisar gastar o dinheiro do governo. E mesmo que consigamos sobreviver e nos aposentar, vamos viver só mais um pouquinho. Eles sabem fazer cálculos.

Mas essa mentira é grave e cínica. Se não há trabalho para os jovens, cheios de vida, que estão se formando, vão dar emprego ao velho com mais de cinqüenta anos? Neste país, os homens dessa idade só encontram vaga de governador, prefeito, presidente, senador, deputado, vereador, ministro, diretor

de estatal. Nos escritórios e nas fábricas, os de mais de quarenta anos não tem vez. Querem que trabalhemos onde, se as pessoas estão desconfiadas, com medo e sem condições para abrir novas empresas, nesta saturada e perigosa cidade. Aqui tem até universitário se candidatando a faxineiro!

Mas ainda não se acabaram as mentiras!

Morremos. Vendem-nos caixões de luxo, com ornamentos e entalhes, velório com castiçais de prata e velas longas e chiques. De minha parte, para completar a farsa, deixo encomendado meu epitáfio:

“Aqui se depositou, estropiada, a embalagem de um homem que foi enganado pelos parentes, pelos religiosos, pelos patrões e pelos governos. Jaz, neste sepulcro de pedra, na última mentira, a que nivela os homens na mediocridade. Mas, nesta campa, não procurem sua alma, porque já voou em busca de justiça. Viveu entre mentiras, mas, finalmente, vai conhecer a verdade. Os que o enganaram, terão o mesmo destino e julgamento. Mas na hora do acerto final, a justiça dará a cada um segundo as suas obras.”

Igualdades na minha cidade!

João Pessoa

Terminava a madrugada,
às quatro e cinqüenta e nove,
e como a Terra se move
o astro-rei ia nascer.
E na linha do horizonte,
de onde a visão não passa,
ia dissipando a fumaça
porque chegou novo dia.

Assim são nossas manhãs
pela lei da criação,
que é perfeita em cada ação,
sem ter o aplauso dos fãs.

E, majestoso, ele chega,
no seu tom alaranjado,
às vezes, é mais vermelho,
às vezes, amarelado...
vem aquecer o planeta,
não quando dá na veneta,
sempre com pontualidade.

E no prólogo da noite,
quando ele esconde no escuro,
eu permaneço seguro
de que amanhã ele volta,
lá pelas bandas do Seixas,
o lado extremo oriental
desta nossa capital,
que é a segunda mais verde
entre as cidades da Terra,

verdade que se descerra
a todos os que visitam
este solo hospitaleiro.
João Pessoa, Paraíba,
lugar do sol mais bonito
e onde amanhece primeiro.

***1997 - Primeiro poema feito em João Pessoa pelo autor,
num alvorecer na praia de Tambau.***

*** - Atualmente a segunda pista já funciona.**